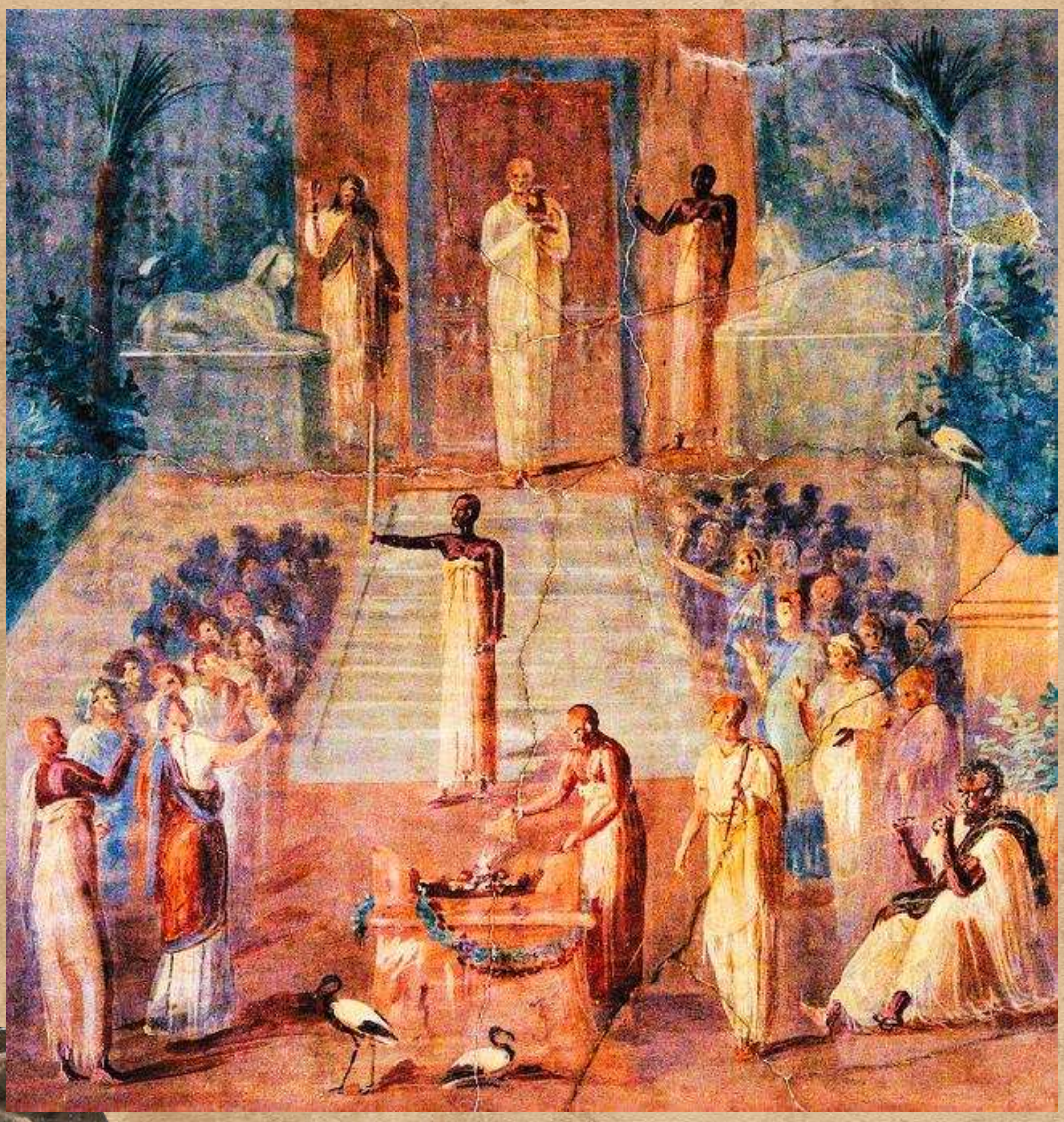
RELIGIOSIDADES E SEUS ASPECTOS PLURAIS: “Ritos e os Rituais” do *populus romanu*



Ressignificando estudos sobre as diversidades religiosas em espaço escolar

Maria Felix Calixto

SUMÀRIO

APRESENTAÇÃO.....4

I. RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES ROMANA: temas e conceitos.....6

I.I. RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES: algumas definições.....09

II. A RELIGIÃO ROMANA EM SEUS ASPECTOS PLURAIS: rituais e magia.....28

II.I ASPECTOS PLURAIS DA RELIGIÃO ROMANA: cultos e divindades.....29

III. AS PERMANÊNCIAS DA PLURALIDADE RELIGIOSA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO: perspectivas e desafios 54

III.I AS PERMANÊNCIAS DAS PLURALIDADES RELIGIOSAS NO CONTEMPORÂNEO.....65

REFERÊNCIAS.....76

Conhecendo o seu paradidático

Esse recurso educacional contém subsídios e estratégias pedagógicas que fornecem a você profissional (docente) instrumentos em conteúdos transdisciplinares para uso diário em sala de aula. Em base, aborda temas e conceitos sobre religiosidades e seus aspectos plurais entre esses: os elementos religiosos da civilização romana, contextualizando, temas como: ritos e os rituais, crenças, religião e suas religiosidades plurais.

O material conduz estratégias de como trabalhar temáticas interdisciplinares em sala de aula, analisando como pode ser feito um estudo sobre as religiões se seus aspetos plurais, através do resgate das memórias coletivas dos povos romano. Em cada sessão, você docente poderá conhecer o conteúdo por meio de textos breves e explicativos para leitura e consulta, pontuando cada temática indicada. Ressaltando, que o professor (a) tem liberdade para desenvolver sua criatividade em cada sessão e sugestões de atividades.

Cada sessão do recurso acompanha a seguinte didática:

- Ilustrações sobre o conteúdo: estimular a imaginação e a percepção;
- Glossários: Significados, termos
- (Você Sabia): Informações/ dicas
- Momento “quis”: questões para analisar temáticas abordadas;
- Sugestões de atividades: debates em grupo, socialização, conscientização sobre temas, pesquisas;
- Sugestões de filmes: longas e/ou documentário sobre abordagens do capítulo.

Vamos agora explorar o ensino em diversidades religiosas, contidos no testemunho dos antigos povos romanos. Dialogando com os temas de interesse da comunidade escolar de modo interdisciplinar, na perspectiva de que você docente, tenha a liberdade de conduzir temáticas proposta no material por meio de textos, conceitos e atividades, sobretudo, estimulem o diálogo e o respeito inter-religioso.

Bons estudos!

APRESENTAÇÃO

Com base na pesquisa, “Encantos e Feitiços: as práticas de magia amorosa em Roma - século I a. c.”, este recurso apresenta estratégias didáticas, para auxiliar o professor nas turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. O produto comtempla o currículo do ensino de história, bem como o de ensino religioso, fomentando subsídios didáticos tanto para os docentes como também para os discentes da comunidade escolar. Nesse sentido, contextualiza em sua abordagem um conteúdo claro e objetivo sobre a representatividade social das práticas de magia amorosa na Roma d século - Ia. C.

Esse constructo, ressalta a relevância do ensino de História Antiga- sobretudo, questões sobre as religiosidades e seus aspectos plurais contidos na memória coletiva dos antigos povos- (greco-romanos), no sentido de que o aluno possa reconhecer a importância dessas perspectivas desde o ensino básico. Por essa razão, recortes como esse não devem ser limitado e/ou negligenciado do componente curricular de História. Tudo tem as suas origens, não se chega no presente sem antes ter vivenciado um passado, a memória dos antigos nunca morre, sempre nos ronda, mesmo que no inconsciente, assim como as crenças e suas representações religiosas, um movimento de longa duração que não cai em esquecimento, sobrevive, na memória do coletivo durante gerações: Herdamos um modo de nos relacionar com o passado, por meio do qual passamos a evocá-lo como fonte primordial de explicação e lugar de construção de sentido para o presente e projeções futuras (Oliveira 2013, p. 138).

Considerando que a História das grandes civilizações greco-romanas é uma temática e um conhecimento de relevância à formação crítica e reflexiva dos indivíduos, nos faz refletir como é instigante resgatar esses estudos do mundo antigo para fazer parte do ensino de História, não só por possibilitar uma visão acerca de um passado, mas por está intimamente relacionado com aspectos de longa duração, como a formação das famílias, instituições e as representações culturais que fazem parte de nossa sociedade. Nesse sentido, o produto busca refletir e repensar, sobre os desafios e as possibilidades do processo de ensinar e aprender, por meio de uma linguagem do passado, que sempre permeiam em nosso cotidiano escolar, social e cultural.

O constructo busca entreter o seu público alvo por meio de estratégias básicas, que estimulem o diálogo a e criticidade dentro do ensino de História, pontuando novas reflexões sobre o respeito inter-religioso. Nesse sentido, o recurso é baseado nesses pilares dialogando com temáticas transversais: a religião e suas pluralidades, a intolerância religiosa, termos e conceitos sobre a religião e crenças que fazem parte de nosso cotidiano.

O material está estruturado em três distintos capítulos com textos esclarecedores, acompanhado de glossários, ilustrações, informações complementares- (você-sabia), ‘quis’ e sugestões de atividades em cada capítulo, a saber: o primeiro deles, que tem como título, “Religião e religiosidades romana: temas e conceitos”, aborda uma reunião de conceitos sobre os elementos que compõem as religiosidades plurais. Descreve e define por meio da historiografia especializada, significados de algumas simbologias e termos quase sempre desconhecidos a respeito do universo das religiões, sobretudo- as crenças contidas na memória do *populus romanu*.

No segundo capítulo, intitulado, “A Religião Romana em seus aspectos plurais: rituais e magia”, trata de um breve contexto histórico da religião romana no período do reinado de *Octavius Augustus*, revelando as características no interior do sistema religioso da *rés-publica*, como as crenças e os cultos celebrados na sociedade romana. Esse constructo analisa as pluralidades dos rituais de magia amorosa, bem como suas práticas e simbologias configurados no espaço social de Roma. Para isso, se baseia em teóricos e estudiosos da História Antropológica, bem como em autores da Historiografia especializada.

Já o terceiro e último capítulo intitulado, “As permanências da pluralidade religiosa no mundo contemporâneo: perspectivas e desafios”, se debruça em analisar como o mundo de hoje vivencia as diversidades religiosas, fazendo um verossímil entre as práticas religiosas dos antigos romanos às crenças praticadas pelo coletivo atual, ou seja, uma troca comparada.

Todavia, o produto educacional dialoga com temáticas transdisciplinares, relacionando o contexto histórico religioso dos antigos romanos. Apresenta então, um verosímil entre os elementos imaginosos dos rituais e temas transversais- as diversidades, a intolerância religiosa, as religiosidades, o pluralismo religioso e as crenças que foram sendo construídas com o divino, pelas as sociedades, do passado até os dias de hoje.

Caro docente, mediador, esperamos que faça bom uso desse material didático e que este possa contribuir para subsidiar os conteúdos da sua grade curricular de acordo com a demanda de seu planejamento e cronograma escolar.

Desejo um progresso de aprendizagens significativas, a todos que compõem o núcleo escolar.

Bom trabalho!

CAPITULO I

RELIGIÃO E RELIGIOSIDADES ROMANA: temas e conceitos

No mundo romano o fenômeno religioso é por natureza algo tido como sagrado, o que significa que sociedade, cidades, famílias e instituições e tudo que habita a terra dependia da proteção de seres divinos- o sobrenatural. Os deuses romanos eram divindades ligadas as forças da natureza, em que todos os elementos (tempo, fogo), (protetores dos lares e das cidades), plantações, aos sentimentos, (amor, ódio, beleza) e o desenvolvimento humano (caça, política, conquistas, guerra) estavam estritamente interligados, um não sobreviviam sem o outro.

O universo das religiosidades romanas segue esse ciclo desde os primórdios da vida humana na terra, foi por meio das religiões que todas as instituições se constituíram formando clãs, grupos, cidades e estados. Sabe-se que o homem de hoje não pensa mais como os de outrora e isso traz grandes modificações, é aquilo que se conhece por evolução bem como nossas relações, ações, sentimentos e com ela tudo em que acreditamos, assim são nossas crenças. Mas isso nos leva aos questionamentos - a saber, as origens, a (*gens*) qual o princípio divino que deu aos homens a autoridade de pensar sobre a **espiritualidade e as religiosidades?**

Por meio dessa problemática temos a liberdade de imaginar, pensar e sempre se indagar, sobre o processo de evolução humana refletindo suas memórias, costumes e crenças que permeiam em nosso cotidiano atual desde a antiguidade. Ressaltando, que a frente de todas as instituições existentes e leis que nos regem, situai "as crenças" e perceberemos que os fatos se tornaram possíveis de se compreender, mais próximo de ser esclarecida

Nitidamente, sabemos que a inteligência humana está sempre em movimento ao longo dos séculos, quase sempre em progresso, por esse motivo, as nossas leis, instituições políticas e familiares estão sempre passando por modificações, no qual o indivíduo vai se adaptando e criando suas relações em coletivo. As memórias sobrevivem ao longo do tempo e vão se mostrando conforme as nossas ações e escolhas, construindo valores, simbologias e significados, desvendando mistérios e despertando curiosidades.

As memórias e os "fatos históricos" seriam invisíveis se não fossem articulados no presente, pois a história argumenta sempre. Dessa forma, jamais são esquecidos, pois sempre

retornam ao convívio social, mesmo que no inconsciente Sarlo, (2007). Nesse sentido, se passa a observar a memória dos povos antigos entre esses, a história de Roma. Sendo assim, cabe aqui essa indagação: que lembranças, que registros deixou para nós as antigas civilizações do passado, Grécia e Roma?

Figura 1- Civilização Romana. Disponível em: <https://sigilomistico.com.br/postagem/a-civilizacao-romana>

A civilização romana é um exemplo e testemunho de que essas relações existentes são parte das ideias do desenvolvimento humano e do modo de viver de um povo, história essa que vai além da lenda, Rômulo e Remulo. Como diz o historiador Fustel de Coulanges na obra "A cidade Antiga", observai as instituições dos antigos, sem se prender as suas crenças, considerando as primeiras vivencias dessas raças, ou seja, a época em que se originou suas instituições, observamos também qual eram suas ideias, o que se imaginava como criatura humana, a respeito da vida e da morte, do princípio divino, da ideia de uma segunda existência. Como bem nos esclarece Coulanges:

> Felizmente, o passado nunca morre por completo para o homem. O homem pode esquecê-lo, mas continua sempre a guardá-lo em seu íntimo, pois o seu estado em determinada época é produto e resumo de todas as épocas anteriores. Se ele descer à sua alma, poderá encontrar e distinguir nela as diferentes épocas pelo que cada uma deixou gravada em si mesmo (Coulanges,1961,10).

Por meio desses apontamentos, pode-se perceber que são essas íntimas relações, opiniões e regras antigas que se originaram as crenças, os ritos e as instituições políticas que conhecemos até os dias de hoje. A partir desse breve contexto sobre as relações dos povos romanos, se pode compreender como as instituições e direitos públicos e privados se constituíram em sociedade. Essa estrutura de relações comparadas as crenças e as leis, demonstram que a família romana antiga se formou através de uma religião primitiva, de maneira semelhante se originou-se o casamento, bem como a autoridade paterna, consagrando o direito de autoridade familiar o (*parte-família*), dando espaço para se estabelecer as linhas de parentesco e com elas o direito de sucessão, ou seja, as hierarquias e o poder de governar, de liderar.

Toda essa comparação se reflete em algumas indagações aqui citadas, para além disso, lembrar, reconhecer que estudar o passado, a memória dos antigos nos leva a observar o

obscuro, as crenças “bizarras”, o que ainda não se compreende, o inexplicável. Foi por meio dessa religião- as crenças, depois de se já estabelecida, se formou e se estruturou a família, que logo deu espaço para constituir uma associação maior- as cidades, e através dela predominou o que estabeleceu os grupos de famílias. Sendo assim, saberemos que por meio da religião dos antigos romanos, todas as instituições se originaram, assim como todos os direitos públicos e privados existente. Assim, “esta mesma religião estabeleceu nas famílias os seus princípios, suas regras e seus costumes, sua magistratura” (Coulangens,1961, p.33).

O estudo das religiosidades dos povos antigos, como a dos romanos nos permite sair do obscuro e desmitificar críticas preconcebidas a respeito das religiões, abrem espaço para interpretações que ampliam as possibilidades de pensar o grande valor que tem os estudos de objetos, de religiosidades, culturas e costumes nas camadas populares. Nesse sentido, pode-se refletir que é importante buscar no passado, referencias, memórias, o conhecimento em crenças, opiniões que pensavam os homens em épocas antes de Cristo. Foi em uma antiguidade, que se desenvolveram as crenças e através dessas, se estabeleceram e prepararam as instituições existentes na humanidade. Vejamos o que ressalta o historiador:

> É necessário, portanto, estudar antes de mais nada a crença desses povos. As mais antigas são as que devemos conhecer melhor, porque as instituições e crenças que encontramos na época áurea da Grécia e de Roma nada mais são que a evolução de crenças e instituições anteriores. É necessário que busquemos as raízes em um passado bem longínquo (Coulangens,1961, 33-35).

Por meio desses apontamentos se pode compreender da relevância de buscar em um passado longínquo, conhecimentos que são de interesse de nosso cotidiano atual, a saber- os estudos sobre religiões e religiosidades plurais sob viés do sistema religioso da civilização romana do período republicando, século I a.C., quando expandiu-se crenças, práticas, cultos e rituais, que alcançou lugares e grupos distintos para fora do núcleo do *Imperium Romanun.*

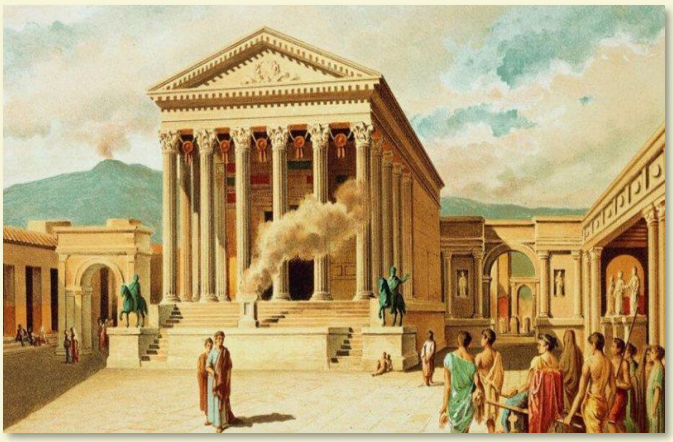


Figura 02-Pintura, Império Romano. Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/book-friday-amazon/historia>

Nesse sentido, esse constructo busca desmitificar ideias preconcebidas acera das diversidades religiosas, uma temática que faz parte da cultura dos grupos coletivos de nosso cotidiano popular desde os primórdios das civilizações clássicas (greco-romanos) e

necessita ser dialogada em espaço escolar- instituição importante formadora e reprodutoras sociais.

A historiografia especializada busca por meio de livros e documento sagrados da Roma antiga, esclarecimentos que envolvem os mistérios, objetos, costumes e práticas que se relacionam aos elementos naturais e/ou sobrenaturais das crenças religiosas no *populus romanum*. Desse modo, cabe aqui pontuar que o lócus desse contexto se baseia em estimular no ambiente escolar, diálogos que amplie a percepção e embates epistemológicos para a compreensão do sentido religioso e suas pluralidades, tanto na esfera social como no âmbito das comunidades escolares.

Para isto, é relevante compreender sobre alguns conceitos e temas que acompanham o lócus desse contexto, razão que fomenta o sentido pelo saber das **concepções religiosas**, suas simbologias, significações, que nos vinculam às formulações intelectuais. Logo, são tantas as culturas e tantas as formas de reconhecer a divindade, o absoluto, o transumano, aquilo que está além da vida cotidiana, que as ciências humanas recebem e estudam os sentimentos e todas as visões das religiões. Nesse sentido, será abordado a seguir, algumas definições e conceitos temáticos, relacionados (Gomes, 2022).

I.I -Religião e Religiosidade: algumas definições

Sabe-se que a religião trouxe embates epistemológicos para sua compreensão, tanto na esfera social como no âmbito das ciências humanas, sendo assim, estabelecer uma definição acerca do fenômeno religioso é uma tarefa instigante, por ser um tema de abrangência, que se torna mais realizável em virtude de ser complementada por outras disciplinas, como a Sociologia da Religião, a Antropologia, a História e a própria Teologia (Gomes, 2002). Mas nada que seja é impossível de ser realizável, isso é a proposta desse trabalho, buscar estratégias e metodologias pedagógicas que ampliem as nossas percepções para um estudo mais profundo e esclarecedor, acerca da conscientização pelo **respeito inter-religioso**.

Ressaltando que por meio do respeito para com o outro é que se pode ter uma vivencia mais saudável em qualquer ambiente, a escola é um espaço que esse princípio deve ser mantido para garantir a interação interpessoal entre os grupos. Sendo assim, torna-se necessário promover esses debates em espaço escolar, a **intolerância religiosa** por exemplo é uma prática que deve ser combatida em defesa da laicidade religiosa da coletividade.

É pelas expressões mais anódinas, menos formulada da vida cultural, que as crenças populares, os ritos que impregnam a vida cotidiana, se prendem à vida religiosa, as culturas

minoritárias ou o folclore - conjunto das crenças coletivas. Nesse sentido, buscaremos compreender por meio de um breve discurso didático, algumas definições e significações, sobre alguns temas que compõem o universo religioso entres esses: os de 'religião e religiosidades', as 'crenças e cultos', os 'ritos e rituais', a 'magia e as divindades', bem como os conceitos no que se refere ao 'sagrado e profano', os termos "maléfico e benéfico", enfim, tudo que permeia o sistema religioso, o princípio divino, esse sobre-humano (Bruguieré,1990).

Religião

A partir dessas definições, a possibilidade de compreensão se torna esclarecedora, evidentes para embasar discursos- a começar pela primeira citada, o que se entende por religião? Conforme historiadores, a própria origem da palavra religião é incerta. Inicialmente, a palavra religião, não designa um culto prestado às divindades, mas sim, um sentimento vago, de ordem instintiva, de ter que se prender a determinado ato. A impressão de que um determinado indivíduo estar perante a um perigo de ordem sobrenatural, imagina-se está diante de um inimigo, assim como era sentida pelos antigos romanos, quando imaginavam **demônios** por toda parte, com poderes sobrenaturais muitas vezes inominados que vinham do além para ajudar os homens e, talvez mais frequentemente, para atormentar (Grimal, 1984).

Do dicionário online de português encontra-se a seguinte definição, **religião** - substantivo feminino que significa a crença em que existe uma força sobrenatural criadora do Universo, que gerou todas as coisas e pessoas, sendo essa força (Deus) um ser superior e divino, ou seja, é a crença que esse ser divino superior, rege todas as coisas existentes e o ser humano, por essa razão deve ser respeitado. Religião é um conjunto de princípios que reúne crenças e /ou rituais particulares a um grupo social, em determinado acordo e com certos parâmetros, concebe a partir de uma divindade e de sua relação com o indivíduo a fé, o culto.

GLOSSÁRIO

Demônios:
A origem do termo demônio: do Latim *Daemon*, "espirito", do grego *Daimon*, "divindade, poder divino, deus de menor importância, espirito-guia, deidade tutelar (às vezes podendo incluir espíritos dos mortos.

Para os antigos romanos, a vida religiosa se baseia em uma crença politeísta, e em função disso, a Antropologia propõe que a religião é formada por um sistema de práticas, em que todas as sociedades possuem a sua visão em sentido universal. Importante saber caro leitor, que a palavra religião, tem sua origem no latim *re-ligare*, que significa o sentimento de voltar a algo inerente ao homem, ao qual o ser teria perdido sua essência primordial ou sua finalidade última (Gomes, 2002).

Figura 03- Religião romana antiga- deuses gregos e romanos Disponível em:<https://essaseoutras.com.br/religiao-na-roma-antiga>

Segundo os estudos da História Antropológica, a religião se caracteriza como uma forma de dominação regida por ideologias e hierarquias que submetem o homem a uma **'alienação'**, cuja conquista do ser se dá por meio de orações, oferendas, cantos e danças. Sendo assim, religião é uma crença em seres sobrenaturais, oferecendo para os homens um conjunto de doutrinas e normas que os indivíduos passam a respeitar acreditando em divindades que possam lhe oferecer segurança e sobrevivência durante e após a vida na terra. É a maneira do indivíduo se relacionar a um plano sobrenatural, em que cada indivíduo deve respeitar e até realizar sacrifícios para então ser ungido de benção e poder receber graças pela sua obediência e por ter acreditado em sua fé (Marconi & Presotto, 1998).

GLOSSÁRIO

Alienação:

A palavra alienação vem do latim *alienus* que veio a dar "alheio", significando o que pertence a outro. Sendo a alienação religiosa a fonte de toda a alienação. Pela religião o homem faz de Deus, o ser que ele próprio aspira a ser, o homem ideal que é, também, o seu ideal de homem – realizando-se assim, imaginariamente, como Deus. A alienação reside aqui, no facto de o homem atribuir a outrem – a Deus, um "outro" imaginário- aquilo que não é, senão o seu (Feuerbach Apud Serra, 2003).

Pode-se entender então, que a religião é "a crença em seres espirituais", que se baseiam em normas e comportamentos, nas incertezas da vida e variam muito de uma sociedade para outra. Entretanto, tornam-se mais evidentes nos momentos de transição – os rituais de passagem, desde o nascimento a adolescência, do casamento à morte. Nota-se aí, que a religião é também um ato de expressar os sentimentos em favor de determinadas divindades que se modificam, de sociedade para sociedade. Essa característica é predominante em todas as

culturas, pois existe um sentimento que reconhece algo que está além da materialidade dela própria, além da vida como é vivida (Taylor (1871).

Religiosidades

Nesse sentindo, pode-se caracterizar o objeto desse sentimento de 'absoluto' ou transcendental, ou seja, além do humano, reconhecendo desde já, que tal sentimento não deixa de ser humano por ser próprio das culturas. A religião não é, portanto, um fato isolado no interior da cultura. Liga-se à organização social, política, econômica, atividades de lazer e estéticas.

Em contrapartida, confira-se o conceito de religiosidades, bem como suas distinções. A **religiosidade** se refere ao que o indivíduo acredita, independente de prática ou uma religião que segue, podendo ser organizada por uma constituição, como a igreja ou até mesmo em determinados rituais ou cerimônias e ainda por outras maneiras como por exemplo, o próprio o ato de rezar, cantar e ler livros (sagrados) ou assistir programas de cunho religioso (Dalgalarrondo,2008). Sendo assim, perceberemos que essas são características que correspondem a um ser que participa e/ou busca uma doutrina especifica, como os de uma instituição ou organização religiosa.

Figura 04- Imagem/ reprodução, debate sobre religiosidades. Disponível em: <https://www.paiquere.com.br/seminario-internacional-religiosidades>

O termo religiosidade é representado e utilizado pelo sentido comum, como sinônimo de espiritualidade. Segundo os teóricos da historiografia especializada, essa ideia é uma forma erronia de ser colocada, pois é algo que vai além do conceito de religião, pois é um compromisso com a doutrina religiosa, que envolve a participação direta do indivíduo que se dedica e se adapta aos dogmas de uma determinada instituição-quando se dispõem a um engajamento, maior participação nos rituais que essa organização ou instituição pratica. "A religiosidade pode ser definida como crença, prática e devoção à uma religião" (Pessanha & Andrade, 2009).

A religiosidade nos faz recordar de outro conceito religioso, como a espiritualidade. A sua compreensão facilita o entendimento sobre religiosidades, pois a mesma é considerada como um fenômeno mais íntimo da relação do ser humano com o mundo transcendental, é ainda

representada como um momento sagrado em que esse ser busca em sua vida diária, uma conexão com o autoconhecimento e do conhecimento em suas relações com o outro.

A palavra **espiritualidade** advém do conceito de espírito, justifica parte imaterial do homem, que nem sempre inclui crenças em algum deus ou o envolvimento em práticas religiosas, mas se justifica por um entendimento sobre a vida e seus significados, a partir do transcendente e experiencias espirituais (Puchivailo, 2020).

Figura 05- imagem/ reprodução. Disponível em: <https://revistamedicinaintegrativa.com/espiritualidade-religiosidade>

Crenças

As **Crenças,** sempre se ouve falar em nosso dia a dia, mas do que realmente se trata? Será que cada humano escolhe a sua especifica ou será que se sente a necessidade natural de ter? Pode ser que não seja nem uma coisa nem outra. Já para os antigos romanos, as crenças sempre influenciavam na rotina do lar e das *Urbes*, no bem estar das famílias e também na prosperidade do comércio e das cidades, para além disso, em todo e qualquer ação humana no mundo, imaginavam sempre a crenças em seres divinos e que para eles, deveriam celebrar cultos de adoração em troca de proteção. As crenças sempre existiram por entre as relações dos homens e continuaram a persistir ao longo do tempo fazendo parte de cada contexto (Coulanges, 1961).

Figura 06- Afresco- as crenças religiosas do mundo romano. Disponível em: https://metaeticasite.wordpress.com/as-crencas-romanas. Acesso: 2018/12/04/

Acredita-se que todas as populações ou civilidades demonstram reunir um conjunto de crenças baseadas em poderes sobrenaturais que influenciam as práticas religiosas, representadas por meio de cultos e rituais. Assim, sintetizam todas as religiões, nas quais a cultura, como coletividade, reconhece o respeito e reverência pela origem do sentimento religioso através das crenças. Segundo o sociólogo francês Emile Durkhiem (2002), a religião é verdadeira e acredita na proposição de que esta derivaria antes tudo, do sentimento pertencente ao indivíduo no coletivo. “Um panteão

de deuses, espíritos da água e do fogo, assunto como os rituais, enfim, tudo tem sua vivência e consistência que estimula a *crença* e a *fé*.

Nesse sentido, crenças são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e suas relações, seja com alguns, que inclui pensamento religioso, ou todos, com questões profanas, em que isola tabus associados à religião dos ritos (Marconi & Presotto, 1998).

O conceito que define crenças é tão amplo quanto ao de religião, além de ser um dos elementos constitutivos da religião, representa o **sentimento religioso** de um indivíduo e de suas práticas- a *crença* consiste em um sentimento de respeito, submissão, reverência, confiança e até mesmo em relação ao sobrenatural e ao desconhecido. É aceitação voluntária de uma ordem de coisas que não pode ser provada pela lógica ou pelos sentidos. O indivíduo reconhece e aceita a superioridade do sobrenatural (Marconi & Pressoto, 1998).

Entre os fenômenos que envolvem o sobrenatural existem conceitos que explicam alguns aspectos associados à religião, que se classificam entre teorias psicológicas e sociológicas. O **animismo e/ou *alma***, por exemplo, se encontra na categoria psicológica, que significa a *crença* em seres espirituais.

O antropólogo Evans-Pritchard (1998), explica que esses seres, essencialmente *etéreos* são conhecidos como 'almas', 'espíritos', 'demônios', 'anjos', 'deuses'. Porém, a base do animismo é a alma, força vital que anima o corpo. Quando o homem dorme, a alma vagueia e quando ele não retorna, ele morre.

Consta-se que o animismo abrange a crença nas **almas** num estado futuro, o controle de divindades e de espíritos subordinados, o que resulta em gêneros de adoração ativa. Já o *Manismo,* outra teoria psicológica, se refere aos deuses manes, espíritos dos mortos (Tylor,1998).

Figura 07-Pintura de William-Adolphe Bouguereau (1825-1905) retrata a alma, (fôlego. Disponível em:< https://www.artrenewal.org/> Acesso: 05/10/23

Os romanos acreditavam que a alma sobrevive e que todos seus atos possuem um caráter eminentemente religioso. Ao estudar o passado reconhece-se que os fatos da religião antiga devem ser explicados não em si mesmos, mas em relação a outros fatores, ou seja, àqueles que

com ela formam um sistema de ideias, práticas e outros fenômenos sociais que se associam. Saindo desse diálogo, partiremos para outro elemento que constitui a religião a saber: os ritos e os rituais.

Ritos e Rituais

Desde ao dormir ao levantar praticamos ações, costumes e atos de higiene, como tomar banho, escovar os dentes, tomar o café da manhã, ir ao trabalho, são rotinas de nosso dia-a-dia, tudo isso faz parte da vivencia humana, mas nem todos observam que são rituais diários praticados todos os dias. Sendo assim, logo se nota que os rituais nos acompanham e marcam vários momentos da vida, a começar pelo primeiro deles- o nascimento, a cerimônia de batismo da criança, o baile de debutantes das jovens, o vestibular, a cerimônia de casamento, são rituais de transição do ser humano.

Nesse sentido, o ritual é um conjunto de atos formalizados, portadores de uma dimensão simbólica. O **rito** que está contido no ritual é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específico, através da utilização de uma série de objetos, por sistemas de linguagens

Figura 08- Tela- cerimônia de casamento na Roma antiga. Fonte:<https://viagemitalia.com/casamento-imperio-romano> Acesso: 05/10/23.

específicas, e alguns sinais icônicos, cujo significado é codificado, constituindo um dos bens comuns de um grupo. O **ritual** é uma fonte de sentido para aqueles que compartilham, reconhecendo que estes eventos têm um campo específico, que consiste em marcar rupturas e descontinuidades, momentos individuais e momentos sociais (Segalen, 1998).

Quanto à utilização dos termos “rito” e “ritual”, verifica-se que não há uma distinção entre ambos, pois correspondem os conceitos dessas expressões, no qual o ritual vem designar um sistema de ritos em que estes são componentes elementares, como por exemplo, o ritual ‘fúnebre’, que compreende uma pluralidade de ritos sagrados e cerimoniais. Em concordância, o ritual significa dessa forma, a conformidade com as prescrições do rito (Maisoneuve, 1996).

Figura 09 -Pintura retrata um culto de veneração e oferenda a uma divindade romana. Fonte: <https://romapravoce.com/religiao-roma-antiga>

O paralelo entre ritos e rituais incluem cerimônias para garantir a prosperidade do *culto,* que expressa tanto a vida religiosa quanto a vida social. No geral, os ritos têm a intensão de ligar o presente ao passado, mas também de preparar o indivíduo para uma transição social, a exemplo, a cerimônia de formatura.

Importante lembrar, para que haja rito deve haver um certo número de operações de gestos, palavras e objetos convencionais, nos quais se acredita em uma crença. Ao analisar um ritual veremos que ele é composto por elementos e manifestações que expressam as crenças em práticas religiosas, desse modo, as formas de ritual variam de acordo com a organização do *culto*- que consiste em atos religiosos como rezar, cantar, dançar ofertar objetos aos deuses, havendo três formas principais de representação de um ritual, a saber: a oração, oferendas e manifestações nos cerimoniais. A resposta para entender a natureza do rito, está no social.

Os indivíduos estão reunidos em um grupo social, no qual experimentam sentimentos que expressam atos em comum. Portanto, tudo leva à mesma ideia: a de que os ritos são fundamentalmente a vida coletiva que atinge certo grau de eficácia, isto é, quando se reúnem as condições demográficas, sociais e culturais, abre-se caminho para a vida religiosa, pois determina um estado de efervescência (Segalen, 1998).

Há uma definição sobre o ritual que corresponde à manifestação dos sentimentos por um ou vários indivíduos, em qualquer meio, através da ação, que embora de caráter religioso ou mágico, não é tão persistente quanto o culto (Marconi & Presotto,1998). Os ritos constituem um sistema codificado específico, permite que certas pessoas e grupos estabeleçam uma relação com um poder oculto, com um ser divino, ou os seus substitutos sobrenaturais.

Desta forma, o rito se reveste de um caráter quase imutável ao longo do tempo, verificando-se, neste aspecto aquilo que o distingue de um simples costume. Quanto à cerimônia ou culto, essas expressões estão associadas etnologicamente.

O termo **culto,** exprime uma prática de veneração a uma divindade, são distinções convencionais, uma vez que a cerimônia laica se reveste geralmente de um caráter solene e de um ritual mais ou menos religioso, e não se pode esquecer a etimologia que designa o culto como o respeito pelo sagrado (Maisoneuve, 1996).

O ritual fortalece as energias contra a angústia e contra os riscos relacionados a tudo o que nos ultrapassa, esse "sobre-humano". Os ritos apontam, para a preservação, (tabus), para a purificação, (extinção das máculas) ou para um ordenamento do devir-ritos de transição. O ritual procura obter o poder, por meio de contatos com o sobrenatural, ou ainda recorrer a uma divindade transcendente, suprema, que permite ao homem participar simultaneamente na sua essência e separar a zona sagrada da profana (Maisoneuve, 1996). Mas o que se entende por sagrado e profano?

Figura 10 -Tela retrata um ritual de oferendas a uma deusa romana.
Fonte: https://romapravoce.com/religiao-roma-antiga>Acesso: 10/10/23

Sagrado / Profano

É comum ouvir falar sobre o sagrado/ profano, mas nem sempre se sabe quais suas verdadeiras definições, muitas vezes é visto como uma dualidade no qual, um existe em função do outro. Conforme o dicionário de línguas portuguesa a palavra sagrado se refere a objetos e pessoas, por uma qualidade sobrenatural, representado como um estatuto ontológico, próximo do sentido religioso.

Enquanto o **profano** do latim "*profanu*", se refere a tudo aquilo que viola as regras, do que é considerado como sagrado. Em outras palavras, é o que se coloca em oposição, que se torna contrário as coisas que representam o princípio divino, ao sobrenatural. Profanar contra as crenças ou sentimento religioso é considerado como um ser profano, aquele que viola o divino que se coloca contra o sacro, ou seja, que não respeita os cultos ou ritos religiosos.

O **sagrado** é tido como algo extraordinário, enquanto que seu oposto, o profano, está relacionado às coisas ordinárias e mundanas. O sagrado é uma característica relacionada a sociedade, bem como as crenças religiosas e os principais rituais, praticados pela coletividade. Isso nos leva a compreender que a religião é socialmente organizada. Lembrando, que sagrado e profano não são colocados no mesmo nível, sendo um o oposto do outro.

Enfim, a dicotomia sagrado/profano é como uma forma, uma categoria de pensar e viver a realidade. Os termos dessa dicotomia são bipolares e simultaneamente complementares e irredutíveis, isto é, um não pode ser reduzido ao outro e, no entanto, um não pode subsistir sem o outro. Essa distinção entre sagrado e profano não é da mesma ordem que a distinção entre

Figura 11 -Tela, "Amor sagrado e amor profano"- obra de Tiziano, pintada em 1514, já teve nomes diversos. Disponível em: <https://www.insieme.com.br/pb/a-tela-amor-sagrado-e-amor-profano > Acesso:09/19/23

sobrenatural e natural. Mas, o sagrado é o que inspira o sentimento religioso, é a própria sociedade num sentido de coletivo. “A religião não apenas tem sua origem na sociedade, mas identifica-se com ela” (Durkheim, 2000, p. 18).

Os rituais exprimem e liberam a inquietude humana perante a corporação e o mundo, permitindo que sejam canalizadas as emoções, como o ódio e o medo. Nesse sentido, a função do ritual é a mediação com o divino, e os valores ocultos está diretamente relacionada com a anterior, uma vez que tende a conciliar-se com poderes que nos escapam, como ‘divindades’, espíritos ‘benéficos e maléficos,’ diante aquilo que não é acessível e controlável.

Através dessas funções, os rituais situam-se no ponto de convergência entre a natureza e a cultura, entre o sensível e o espiritual: assegurando, não só uma regulação social e moral, mas também a satisfação consagrada dos desejos: abundância, consolo e perdão. O ritual é um sistema codificado de práticas, mediante certas condições de lugar e tempo que possui um

sentido vivido e um valor simbólico para os seus atores e os seus testemunhos, implicando a ação do corpo e certa relação com o sagrado (Maisoneuve, 1998).

Por fim, enquanto o ‘rito’ se refere a um conjunto de crenças que podem tomar a forma de determinada doutrina religiosa, que reúne condutas corporais- atitudes, gestos, danças, vocalizações, sem as quais a fé não poderia exprimir-se, não poderia incarnar-se. O ‘ritual’, consiste em um tipo de atividade padronizada, em que todos agem mais ou menos do mesmo modo, e que se volta para um ou vários deuses, para seres espirituais ou forças sobrenaturais, com uma finalidade qualquer (Marconi & Presotto,1998,163).

Figura 12- Sacerdotisas oficiando uma cerimônia religiosa. Fonte: <https://romapravoce.com/religiao-roma-antiga>. Acesso: 08/10/23

Em suma, estes elementos estão estreitamente ligados aos rituais e sem eles, esses mesmos ritos não poderiam existir nem funcionar. Ressalta-se, que não existe qualquer ritual que não sirva do corpo como suporte direto ou indireto da sua ação ou do seu projeto: seja como local para nele fixar sinais, marcas, ou até mesmo para nele praticar intervenções, sejam como fonte de energia e de influência, contatos, apelos e lamentações, assim como os rituais de magia. Para compreender melhor a respeito dessa categoria dos rituais apresentaremos a seguir, algumas definições sobre “magia”, um estudo inserido no campo de saber antropológico, que trata de assuntos como os rituais mágicos e do relacionamento da religião com as outras dimensões da cultura.

Magia

Nesse sentido, constatar-se algumas definições sobre magia sob a luz de estudiosos da historiografia especializada. Ao pensar em religião e magia, observa-se que ambos são práticas que envolvem um misto de crenças e ações, que de forma sistematizadas apresentam aspectos plurais distintos, mas que nem sempre se afastam em suas relações e semelhanças culturais, as duas circundam um conjunto de elementos impregnados de simbologias e rituais. Sendo assim, representam a crença de um grupo coletivo que aproximam o homem de uma entidade e/ou divindade, a tudo que é considerado como sagrado, atribuído a poderes sobrenaturais.

Os **rituais** 'mágicos' a exemplo- é uma das **crenças** da civilidade romana. Estes (ritos) correspondiam as ações que um ser fazia entre suas divindades, em manipular as forças naturais para incutir o amor e/ou a paixão de alguém desejado (a). Estava associado às práticas religiosas que marca a história de uma época de doutrinas, com um significado importante na cultura de cada civilidade.

Figura 13- Pintura- O Círculo Mágico, retrata uma bruxa ou feiticeira desenhando um ardente círculo mágico sobre a terra, para criar um espaço ritual.
Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/culomagico> acesso: 10/10/23

A **magia** é composta de agentes, atos e representações. **Magos** são indivíduos que levam a cabo os atos de magia, embora não sejam profissionais. As representações magicas são as ideias e as crenças que correspondem aos atos mágicos. Quanto à relação aos outros elementos da magia, é definido como ritos mágicos (Mauss,1979).

A palavra "magia" do grego'μαγεία', foi empregada em uma época determinada, aludindo às atividades dos magos- são certos indivíduos que possuía um saber específico sobre a eficácia da magia, justamente pelo seu 'domínio' acabava sendo perseguido, entre eles, adivinhos e feiticeiros). A legitimidade de qualquer ritual mágico dependia da posição oficial que sobre ele assumia os limites da atividade mágica, eram determinados pelas suas próprias formulas e pelo potencial da natureza. Dessa forma, as práticas mágicas tornam-se uma busca

pelo sagrado, pelo conhecimento não mediante ao estudo e a pesquisa, mas pela revelação (Thomas,1991).

É importante observar, que há uma diferença entre os **ritos de magia** e **os rituais diários**, sendo assim, verifica se: os ritos mágicos, e a magia como um todo, são, em primeiro lugar, fatos de tradição. Atos que não se repetem, não são mágicos. Portanto, entre os ritos, há alguns que são certamente religiosos, a saber: o os ritos solenes, públicos, obrigatórios, regulares, como as festas e os sacramentos. Há outros ritos, ao contrário, que são regularmente mágicos, como os malefícios, ilícitos. Estes são expressamente proibidos e punidos. Esses dois extremos formam, por assim dizer, os dois polos da magia e da religião em que há o polo do sacrifício e o polo do malefício (Mauss, 1979).

Figura 14- Tela retrata o ritual de magia para curar os pés tinha de se invocar Tarquínia em jejum. Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/historia/feiticos-e-supersticoes-no-tempo-dos-romanos > Acesso:09/10/23

Sobre os termos 'maléficos e benéficos', para facilitar a compreensão contam aqui uma simples definição a respeito, esses que em muitos casos passam despercebidos e expressados de maneira acrítica e preconcebido, a exemplo- a expressão, "magia negra" e/ou "magia branca", são pronuncias que o sentido comum se adaptou a conceituar de modo errôneo, para além disso, preconceituoso. Para que isso seja desmitificado é necessário conhecer melhor os termos e como se conceituam.

Etnologicamente, a palavra **maléfica**, do latim *maleficiu,* significa fazer mal, prejudicar, causar danos, maligno, prejudicial, malévolo. No mundo da magia, há quem deseja prejudicar alguém fazendo uso de feitiços, encantarias para fazer 'amarrações', que provoque a desordem na vida de um indivíduo, essa categoria dos rituais de magia é considerado como **magia ilícita** e ou **maléfica**, quando se tem a intensão de causar o mal ao outro, ou seja, maléfico, ao contrário de benefico.

Já o termo **benéfico** do latim *beneficus*- bene, que faz o bem, é o mesmo que **benigno**, salutar, cujo o resultado é propício em benefício de algo ou de alguém. Na magia, alguns rituais

são considerados como benéfico quando são feitos para conseguir prosperidade: nas famílias, para ter bons resultados na colheita de plantações, as chamadas 'simpatias' para incutir o amor da pessoa amada, bem como os ritos para devolver saúde de alguém, a exemplo- as efusões. Essa categoria dos rituais de magia é considerada como rituais benéficos ou de bondade.

Maria Regina Candido (1996), uma estudiosa sobre magia nos explica que o lugar comum entre a magia e a religião seria o fato em que ambas fazem referências aos poderes e as forças sobrenaturais. Nesse sentido, a magia é o saber primitivo relacionado à crença em controlar os poderes da natureza. A 'fé no poder da magia', é uma das principais forças psicológicas indispensáveis a vida do homem em suas atividades, o que elimina a hipótese errônea de que magia, contrariamente à religião, é por sua própria natureza essencialmente maléfica e antissocial, quando usada com a finalidade de atingir interesses egoístas, provocando efeitos que prejudique o bem-comum, assim a magia:

> (..) é simplesmente um poder imaginário de controle sobre as forças da natureza, que pode ser exercido pelo feiticeiro, para o bem ou para o mal, para beneficiar um indivíduo ou uma comunidade ou para prejudica-los. A magia é a tentativa humana de controlar diretamente as forças da natureza, através de conhecimentos especiais[...] a magia dá ao homem o poder de controlar as forças da natureza, ela é a arma e o escudo como o que o homem enfrenta todos os perigos que o rodeiam (Malinowski 1984, p. 7-9).

A partir dessas definições e características é possível compreender que a magia nem sempre é maléfica ou nem sempre é benéfica. As práticas de magia têm a finalidade de proteger o indivíduo em determinadas circunstâncias: na guerra, em viagens, nos negócios e no amor etc. Nesse sentido, a magia possui as seguintes denominações: "boa ou benéfica", quando as forças sobrenaturais são invocadas em benefício de alguém, "má ou maléfica", quando é realizada para fazer o mal (Marconi & Pressotto, 1998).

No mundo romano, a magia esteve intimamente relacionada com a religião durante muito tempo, de tal maneira que nem sempre era fácil distinguir as fronteiras entre as práticas religiosas e as práticas mágicas. Seus campos de ação interferem-se frequentemente (Silva, 2004). Fica compreendido então, que a magia é um sistema taxológico complexo, que permite formar uma grande cadeia, na qual se pode chegar até a uma divindade. Portanto, as famosas leis mágicas explicam o valor das representações (amuletos), da música, da dança e, sobretudo dos encantamentos (Candido, 2006).

Todavia, a magia é feita heresia quando um rito não faz parte de um culto organizado. Desse modo, se o rito for privado, secreto, misterioso, tende no limite ao rito de ser proibido. Nota-se, que "não definimos a magia pela forma de seus ritos, mas pelas condições nas quais eles se produzem e que marcam o lugar que ocupam no conjunto dos hábitos sociais" (Mauss,

1970, p.55). Como vimos, a religião e suas religiosidades plurais são parte da construção humana, desde os primórdios das grandes civilizações o homem constituiu suas leis, suas instituições e com elas suas crenças datadas antes de Cristo, já se estabeleciam entre as famílias e a vida pública, então:

> Eis aí crenças antigas, e que nos parecem realmente falsas e ridículas. Contudo, elas exerceram seu império sobre o homem por muitas e muitas gerações. Elas governaram as almas, e logo veremos que tais crenças é que dirigiram as sociedades, e que a maior parte das instituições domésticas e sociais dos antigos nelas tiveram sua origem (Coulanges,1961, p.15).

Nesta ordem, se evidenciam os **rituais**, instruídos nas regras de uma religião propagada por gerações. Portanto, não podemos racionalmente supor que uma religião com estas características fosse revelada aos homens pelo imaginário de alguém entre eles, ou por um grupo de sacerdotes. A religião nasceu espontaneamente no espírito humano, sendo seu berço a família e tendo cada família criado os seus deuses (Coulanges,1961).

VOCÊ SABIA?

A Gens;

formava um corpo, cuja constituição era puramente aristocrática. A palavra *gens* do latim -***gens*** do grego-***ghénos***- designa uma espécie de parentesco artificial. É a associação política de várias famílias, que em sua origem eram estranhas umas às outras, na falta de laços de sangue, a cidade estabelecera entre elas uma união fictícia, um parentesco convencional. Para os antigos povos romanos e gregos, as *gens* eram basicamente o que constituía o grande núcleo familiar, ou seja, *pater-família* – pai, filhos, escravos. Assim, *gens* era o termo usado para identificar o grupo (familiar)-a exemplo, a *gens* de Claúdios, a *gens* dos Patrícios. *Gens* "é a família mantendo sua organização primitiva e sua unidade" (Coulanges,1961,76).

"Eis que cada ***gens*** tinha seu culto especial e cumpria seus ritos religiosos'. Cada ***gens*** possuía seus deuses protetores".

A *gens* em Roma e na Grécia

VOCÊ SABIA?

LEI Nº 7.716, DE 5 DE JANEIRO DE 1989.

Define os crimes resultantes de preconceito

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, **religião** ou procedência nacional.

Os **rituais** são práticas comuns em nosso dia a dia. Desde a hora que deitamos até quando levantamos pela manhã, já estamos praticando um ritual - a exemplo, você acorda, escova os dentes, toma banho, se veste e sempre toma seu café. Já são aspectos de um **rito,** pois é uma rotina que **não muda** no dia do ser humano.

Os rituais também podem ser de **passagem** ou de **transição,** quando alguém casa, ou se forma, ele está e em rito de passagem. O **casamento** e a **formatura,** o **batizado** são ritos de renovação, ou seja, de transição de um momento para outro. Marcado por uma organização cerimonialista e/ou de celebração.

OS RITUAIS estão SEMPRE PRESENTES em nosso DIA A DIA.

Na Roma Antiga os **rituais de Magia** também eram praticados para conseguir **sucesso nas plantações.**

A prática era realizada para obter bons resultados nas colheitas e assim garantir o alimento e o sustento da família durante o ano. Desse modo, eram realizadas consultas para saber o dia certo para plantar e colher. Para além disso, os rituais da colheita também eram celebrados como forma de **agradecimento** aos deuses.

Professor (a), chegou o momento do apoio didático interativo com a turma. Através desse conteúdo você poderá estimular o interesse pelas temáticas e conceitos abordados no capítulo, sempre relacionando os diferentes temas ao conteúdo de sua disciplina ou rotina escolar. Lembrando, que aqui temos duas opções de atividades, mas você também pode desenvolver ações, conforme seu critério pedagógico, utilizando o material paradidático como subsídio.

I. **A partir do texto, explique qual foi o legado deixado pelas civilizações antigas (Grécia-Roma) e o que elas representam em nosso cotidiano atual?**
II. **Identifique no texto as características sobre a religião e suas religiosidades, o que as diferenciam?**
III. **O que são crenças e o que elas representam para os antigos romanos? Relacione essas crenças aos dias contemporâneos apontando uma verossimilhança.**
IV. **Escolha de 3 a 4 termos e/ou elementos que compõem as pluralidades religiosas. Enumere e apresente as suas características e definições.**
V. **Qual é o paralelo entre os ritos e os rituais e como eles são representados na vida religiosa e social? Cite exemplos.**
VI. **Exponha quais são os elementos que compõem a natureza de um Ritual e como eles podem ser identificados?**
VII. **Explique através do texto o que é um ritual de magia e qual a sua finalidade?**
VIII. **Você acredita que a magia pode influenciar nas forças da natureza? Comente!**

Sugestões de atividades:

I. Professor (a), crie um momento de pesquisa em sala de aula utilizando o paradidático, por meio de cópias de páginas que aborde temas de seu interesse. Estimule o alunado a realizar leituras para desenvolver uma produção textual sobre: temáticas, termos e conceitos das religiosidades e suas pluralidades.

II. Organize o ambiente, com a cadeiras em círculo; escolha um dos temas, termos e conceitos abordados no capítulo; distribua entre grupos para que se desenvolva um momento de debate, dialogando por entre as temáticas transversais- a exemplo: a Intolerância Religiosa, a laicidade do Estado, as diversidades religiosas.

III. Utilize as temáticas e termos abordados em curiosidades- "Você Sabia?" para desenvolver debates e/ou diálogos em sala ou na comunidade escolar.

Sugestões de filmes:

I. Filme:

Ritual sagrado Kuarup

Entre o luto e o recomeço", é dirigido pela professora de artes Visuais, Rosa Bernado. A produção é um **documentário** de 27 min que mostra o ritual Kuarup – (um rito fúnebre) realizado em 2021 na aldeia Kamayurá em homenagem aos mortos vitimados pelo convid-19, em que cinco membros da comunidade perderam suas vidas

CAPITULO II

A RELIGIÃO ROMANA EM SEUS ASPECTOS PLURAIS: rituais e magia

Nesse constructo, será identificado como as atividades cívicas- políticas estavam sempre em conexão com o sistema religioso romano. Sendo assim, tornava-se comum a prática de realização de rituais e oferendas em troca de proteção as famílias, e a *res pública*[1]. Como vimos no capítulo anterior, a religião dos antigos romanos tinha como principal característica o **Politeísmo-** a crenças em diversos deuses, esses deuses tinham caráter masculino e feminino, não importando seu gênero, para eles eram realizados cultos de adoração em troca de proteção.

Nitidamente, se percebe que não é de hoje que os rituais são praticados em troca de proteção ou para conseguir algo desejado. Mas antes de pontuar a respeito das práticas dos rituais, nos propormos expor a seguir um breve contexto a respeito do sistema religioso dos antigos romanos e seus aspectos plurais.

Analisando os aspectos plurais de uma religião como os dos antigos romanos, verifica-se uma diversidade de práticas semelhantes aos dos povos gregos, pois ao longo do tempo, os romanos passaram a adotar cultos e deuses desses e de outros povos da Antiguidade que estabeleciam contato. Os deuses dos antigos povos romanos eram divindades que se relacionavam às **forças da natureza**- tempo, fogo, (protetores das colheitas, lares e cidades), aos sentimentos (amor, beleza,) e às ações humanas (caça, guerra, plantações). Nesse sentido, na religião pública dos romanos se tornou costume o ato de realizar cultos, assim, os ritos eram destinados aos deuses da cidade e dos lares, bem como a religião do fogo sagrado, pois tudo o que confiavam a segurança do *Populus Romanus* estavam conectados ao culto das divindades (Luís, 1983).

Diante desse exposto surge inquietações – a saber: por que os antigos romanos celebravam os cultos religiosos? Quais as eram as suas divindades e o que representavam? Como esses povos vivenciam essas religiosidades no espaço social de Roma? São questionamentos pertinentes dos quais será tratado nesse contexto.

[1] Res pública: regime político que, após a queda da realeza, concilia os principais órgãos do governo (assembleias, conselho, magistrados) e permite que estes funcionem; opõem-se, pois, as questões domésticas. (res privada) (Christol & Nony, 1993, p.59).

II.I Aspectos plurais da religião romana: cultos, divindades

O universo religioso dos antigos romanos permeava uma religião oficial, que prestava cultos aos grandes deuses, a esses deuses eram celebrados ritos e cerimônias sob a liderança do Estado e dos magistrados. Vale aqui lembrar, que esse contexto histórico da religião romana se debruça no período do reinado de *Octavius Augustus*, do período republicano, época política, rica em acontecimentos que se direcionavam entre a cultura e a sociedade romana. Ao fim dessa República se desencadearam conflitos e crises institucional e cívica em que emergem questões socio-jurídicas e opções políticas diversas. Além desses, o advento das Guerras Púnicas trouxe para Roma, outros conflitos sociais que afetou tanto a política como meio cultural.

Foi nesse período em Roma, que começou a ocorrer perseguições a adivinhos, agoureiros [2]e adoradores de outros deuses que não se enquadravam nas exigências do governo e representavam uma ameaça ao equilíbrio religioso. Por esse motivo, Augusto propôs uma restauração religiosa, objetivando realizar uma mudança geral na moralidade, da paz e da autoridade em todo o Império. É neste contexto de instabilidade que outros cultos e práticas orientais foram acolhidos em Roma, entre esses, **os rituais de magia**, esse que é o lócus desse constructo (Cutrin ,2001).

GLOSSÁRIO

Pax- Nome de uma deusa grega que recebeu o título no governo de Augusto, em Roma. Seu nome era Irene, e costuma ser representada por vários artistas com um ramo de oliva nas mãos, (em português: "paz dos deuses") ou *pax diorum* (em português: "paz divina") é uma expressão em língua latina que corresponde a um conceito fundamental do sistema jurídico-religioso romano.

A perpetuação dos rituais de magia, bem como a prática desses fenômenos mágicos, passa a ser envolvidos no sistema religioso desses povos e teve maior trato pelas autoridades civis que entre os gregos. Desse modo, ao chegar em território itálico, a magia se assemelhava a alguns traços característicos dos cultos locais, passando a ser praticada tanto quanto os cultos aos deuses (Silva, 2004).

Como já citado, o homem romano dos primeiros tempos achava-se continuamente em presença da natureza. Por esse motivo, os costumes de vida cívica ainda não haviam estabelecido uma separação entre natureza e homem, experimentavam, em si, perpetuamente, um misto de veneração e de terror perante as forças da natureza. Portanto, era preciso manter a paz com os deuses (Bloch, 1971). O sistema religioso

---

[2]- Adivinho. Que prevê desgraças; que anuncia notícias péssimas. Que crê em agouros; supersticioso. substantivo masculino Indivíduo que prevê ou profetiza desgraças. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/agoureiro>

dos romanos buscava o bem-estar, tanto do indivíduo como da Cidade-Estado, determinados, deste modo, a procurar constantemente a *pax deorum* da qual dependia o seu futuro e cidade.

As palavras- *pax deorum* siginifica, "paz com dos deuses") e a *religio*, em que o o cidadão romano entendia que não deveria seguir por caminhos enganosos, nem se colocar em uma ação de hostilidade contra uma divindade, mesmo que seja uma protetora do seu inimigo, pois tal garantia pode ser obtida com toda uma série de rituais, sejam oferendas, ou a possibilidade de transferir um mau presságio para o inimigo. A paz com os deuses é então o conhecimento que permite, nomeadamente verificar a atitude presente de cada grande divindade (Christol & Nony, 1993).

A história da civilização romana é permeada por uma diversidades de acontecimentos que fez dela um espaço de culturas, uma delas foi o seu sistema religioso formado por diveras influências estrangeiras, conbinados os seus costumes novas crenças foram incorporadas aos costumes tradicionais para adaptá-los às necessidades do povo.

Obsersa-se agora, quais os motivos que levaram roma a possuir um sistema religioso baseado em aspectos plurais. Primeiro, se deu ao fato de que roma demonstrou confiança nos rituais e com isso a religião adquiriu um aspecto contractual. Segundo, a adoção de deuses e crenças de outras civilizações, como egípicia, etruscas, orientais e principalmente gregas algo que se tornou uma prática bastante difundida em sua história, passamdo a ser administrada pelos os magistrados e pelos colégios sacerdotais- poderes que decidiam sobre os atos religiosos dessa sociedade.

Magistrados e sacerdotes

Como todo seguimento religioso, para os romanos da Antiguidade também havia uma hierarquia responsável por delegar os atos do sistema das *religios.* Assim, os atos religiosos ficavam divididos sob a reponsabilidade dos **magistrados** e **sacerdotes**, cada um exerciam um papel para gerenciar os cultos e cerimonias religiosas. Existiam dois tipos de cerimônias, as realizadas pela *res pública*- (religião pública) e as que aconteciam dentro das *res privada*- (religião privada). Dessa forma, a religião pública estava influenciada pelos colégios sacerdotais, onde os cônsules tinham autoridade para tomar iniciativas em questões religiosas, eram eles quem se dirigiam aos colégios sacerdotais e quem consultavam o Senado a respeito das questões religiosas que surgiam, tal como as novas divindades públicas que se estabeleciam em Roma.

Já a *res privada* ficava a cargo dos sacerdotes, responsavéis por manter a realização dos culos aos deuses, mas gerenciados pelos magistrados, autoridade máxima do consulado. Os sacerdotes exerciam funções no campo religioso associado aos colégios sacerdotais, que eram por sua vez, instituições religiosas encarregadas de preparar os cultos e cerimoniais na *res pública*. Organizada hierarquicamente, a ordem sacerdotal assegurava a execução de oferendas, garantindo dessa maneira o bom sucesso dos empreendimentos da cidade.

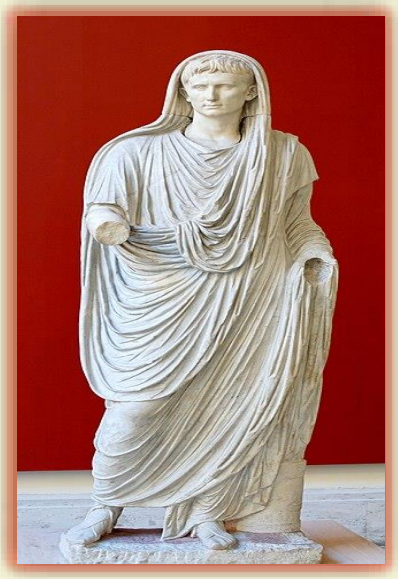


Figura -01 A estátua mostra o imperador Augusto vestido de Pontifex Maximus (Via Labicana Augustus) -sacerdote supremo. Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/PontifexMaximus. Acesso: 13/04/ 2023

Na posição dessa hirearquia estava o modelo de um sarcedote romano, que comondava o sistema religioso, era em essência, o *pontifex maximus*- ele era o mais importante dos pontífices no principal colégio sagrado (Scheid, 1989). Os Pontífices eram guardiões da tradição e vigiavam o culto privado e/ou público, geravam o calendário nos anais, conservam as leis e as fórmulas de procedimento. Estes guardiões eram um “supremo construtor de pontes” , designava o sacerdote supremo do colégio dos sacerdotes, a mais alta dignidade na religião romana.

GLOSSÁRIO

O rex sacrorum- Rei “dos ritos” ou "rei dos ritos sagrados" para executar as funções religiosas de rituais e sacrifícios anteriormente feitas pelo rei. ***O Rex Sacrorum*** era ainda subordinado aos fundadores da república (Scheid, 1989:65).

Anais -(Annales), era a história ou narração organizada ano por ano dos fatos importantes da vida, da urbe, sendo anotados pelos sacerdotes, se guardavam em segredo (Coulanges, 1961, 539).

O *Pontifex maximus* foi o mais alto cargo na antiga religião romana e asseguravam que os rituais religiosos fossem realizados a cada ano. Assim, os pontífices eram especialistas do direito em matéria divina e mantinham sob seu cuidado os arquivos da *Urbe,* como os anais e as decisões de jurisprudências (Christol & Nony, 1993). Em suma, ser sacerdote em Roma significava agir com os deuses e saber qual o comportamento a ter com eles.

No plano religioso, o magistrado dispunha de um poder mais amplo do que o sacerdote, porque podia agir com o *populus romanun* e com os deuses, enquanto os sacerdotes só podiam agir com os deuses. De fato, quem administrava os interesses dos deuses, sobretudo eram os magistrados, mas ao se tratar dos rituais, esse papel caberia tanto aos magistrados como aos sacerdotes.

Assim como os templos que se conhece atualmente, na religião dos antigos romanos, havia os colégios sacerdotais em que cada colégio sacerdotal pertencia a uma divindade e a maior parte dos sacerdotes estava agrupada nos colégios. No fim do período republicano havia quatro colégios, onde o primeiro, pontifical, era presidido pelo sumo pontífice. Havia também o colégio dos Flânimes, *o rex sacrorum* e o das vestais.

Figura 02 – A imagem representa o colégio do Pontifex Maximus. Disponível em: https://www.alamy.com/stock-photocollege-of-the-vestals Acesso:23/02/24

O colégio mais influente era constituído pelos Pontífices, presidido pelo Pontifex Maximus, que comandava o culto das divindades, a saber: Júpiter, Juno e Minerva. O colégio do *Pontifex Maximus* era o de maior relevância por ter a responsabilidade pelo calendário dos rituais, festas, a escolha dos sacerdotes e a vigilância das disciplinas sacerdotais, da religião familiar e do culto dos mortos.

Um dos aspectos da religião romana está centrado nas celebrações dos cultos dedicados aos deuses protetores das cidadades e dos lares, uma prática recorrente dessa sociedade. A partir de agora será verificado como eram construídas as pluralidades de crenças, costumes e 'práticas', conbinandos aos diversos 'cultos', 'deuses' e cerimônias contidos dentro do sistema religioso dos romanos.

Os Cultos

No contexto religioso, o **culto** constitui um conjunto de ritos que se repetem, ligados à adoração ou veneração a divindades em qualquer de suas formas, independentemente de qualquer religião. Na religião dos antigos romanos, os *cultus deorum*- culto aos deuses, era tido como um momento sagrado tanto para os lares - campo privado, bem como para as cerimônias públicas.

GLOSSÁRIO

O Evocativo- era u "*votum publicum* que continha promessas de recompensa se a oração fosse atendida". Representa a tolerância da consciência religiosa romana, com respeito aos deuses estrangeiros na cidade.

Os principais culto aos deuses eram realizados no período Republicano, eram celebrados para evocar as divindades para serem cultuadas em santuários, estas ocasiões eram conhecidas por **evocativo**, um rito antigo que o magistrado romano realizava aos deuses tutelares (deuses benéficos). Esse culto consistia essencialmente numa fórmula sagrada, pronunciada pelo comandante das forças na ocasião do assalto a uma cidade. Essa fórmula prometia aos deuses inimigos templos mais dignos se consentissem em aliar-se a Roma (Bloch,1963). Em suma, os cultos eram oferecidos as divindades em troca de respeito e proteção as cidades e lares.

Figura 03- A pintura se refere ao momento de preparação de um culto aos deuses romanos. Disponível em: https://metaeticasite.wordpress.com.as-crencas-romana>Acesso: 22/02/24

Na religião pública dos romanos se realizava os cultos aos deuses, também conhecidos como **cultos públicos** (sacra publica). Esses cultos eram oferecidos aos deuses da cidade, aos quais confiavam a segurança de todo o *Populus Romanum*. Os cultos aos deuses eram celebrados em respeito às divindades protetoras da comunidade, onde acreditava ser o local onde os deuses e os homens coabitavam (Luís, 1983). O culto aos mortos, por exemplo, é uma das crenças da civilidade romana. Este rito correspondia às relações que se deveriam manter entre os homens e os deuses, e estava associado às práticas religiosas que marca a história de uma época de doutrinas, em que as religiões têm um significado importante na cultura de cada civilidade.

As divindades

Divindades, com representação humana ou não, são consideradas como seres de energias sobrenatural, que possui aspectos e capacidades superiores em relação ao ser humano, ou mesmo por apresentar uma compreensão fora da realidade natural, cuja a imagem pode ser representada como um ser de luz, santo (divino) ou sagrado, por isso, é respeitado e cultuado por aquele que o busca. A exemplo, ao cultuar um deus (Deus) acredita-se em uma força como uma energia que vai interferir e/ou influenciar na vivencia, na saúde, na prosperidade, no destisno e nas relações- pessoais e sociais do cotidiano.

Para os antigos povos romanos os deuses eram considerados como sagrados, por meio do culto as divindades, o homem romano assegurava a ordem e a proteção dos lares e das cidades, sem eles nada prosperava bem, como as famílias e a vida das res pública (Scheid,1989).

Figura 04- A Pintura retrata um conjunto de divindades dos romanos. Fonte: https://www.todamateria.com.br/deuses-romanos Acesso: 20/02/24

Os deuses romanos são divindades que fazem parte do sistema das *religios,* em que cada entidade divina representava os poderes na força da natureza ou os sentimentos humanos. No âmbito da religião os romanos concebiam várias crenças, acreditavam na existência de **espíritos** e **deuses** protetores da cidade e do lar e por esse motivo, imaginavam que tudo que habitava o mundo do além deveria ser respeitado.

No sistema da religião romana do período republicano, houve a introdução da tríade de divindades supremas, saõ eles: Júpiter, Juno e Minerva. A essas divindades eram oferecidos os cultos religiosos, pois eram consideradas como deuses protetores da cidade. Minerva por exemplo, tornou-se, em Roma, a protetora dos artesãos e mais tarde dos artistas e dos escritores. Júpiter, considerado como deus supremo, deveria contribuir para o bem público e aprovar qualquer medida justa e suprema. E Juno, a deusa que protegia o crescimento e o bem estar, bem como a fertilidade de toda a mulher (Bloch, 1963).

Figura 05- Estátua de Júpiter século1/02: Estátua da deusa Juno/ 03: Estátua deusa Minerva. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Religião-na-Roma-Antiga> Acessado em: 14/04/2023

A religião romana estava baseada no cumprimento de um contrato entre o homem e as divindades. Esses deuses era acima de tudo influenciador, tanto no plano da religião pública

(res pública) como na religião doméstica (res privada). Desse modo, eram sempre celebradas cerimônias de oferendas em nome da comunidade para consagrar os santuários aos deuses, onde, os atos públicos reuniam ritos de celebração às divindades protetoras da cidade.

Figura 06- Arte, representa a abóbada Celeste. Fonte: https://cultusdeorumbrasil.wordpress.com//giove-a-abobada-celeste/ Acesso: 13/02/24

As divindades cultuadas pela religião pública eram consagradas pela sua proteção oferecida as cidades. Sendo assim, veremos que Júpiter era então, o rei dos deuses e dos homens e representava, na ordem moral, o laço das sociedades humanas, o guarda dos tratados, o protetor dos pobres, dos suplicantes e de todos aqueles cujo único refúgio é a morada divina. Com efeito, temos também Júpiter como a **abóbada celeste**, tomado isoladamente, representa mais o deus supremo de que as demais divindades, que se representam apenas com qualidades personificadas. Considerado como Deus maior, **Júpiter** é tido como uma força, um deus, grande princípio de tudo, um só corpo, que abarca todos os seres, representando os elelentos da natureza: o fogo, a água, a terra e o éter, à noite e o dia. Todos esses seres estão contidos no corpo de Júpiter enfim, era o culto desta divindade que imperava em Roma .

Como se pode notar, na imagem que apresenta Júpiter (deus dos deuses, responsável pela terra (Gaia) ao centro, ladeado por Marte (deus da guerra - fogo - à esquerda), mercúrio (deus das viagens, passagens e magia - éter - à direita), e Netuno - água - abaixo (deus dos mares e oceanos). Podemos observar, ainda, a mandala dos signos zodiacais, representando todos os elementos em suas particularidades.

Figura 07- Júpiter considerado abóbada celeste (pedra gravada antiga)
Fonte: René Mernad. Col.Mitologia Grego-romana. Ed. Opus P.57 -1985

Assim, era costume ter em cada estado, os seus heróis, como um Júpiter, ou uma Minerva, enfim, qualquer outra divindade associada aos penates e ao lar. Geralmente cada *urbe* (cidade) que possuía uma divindade, esperava de seus deuses a

proteção, por isto cada cidade tinha o seu conjunto de orações e práticas, sempre conservadas em segredo.

A vida quotidiana era de divindades e aos homens competia apenas realizar pessoalmente gestos destinados a manter a paz sobrenatural, para os quais se imaginava que ao redor de cada domínio volteavam constantemente dois deuses lares. Mas acima de tudo, esta ação divina revela-se eficaz para evitar os perigos que ameaçavam constantemente as atividades humanas.

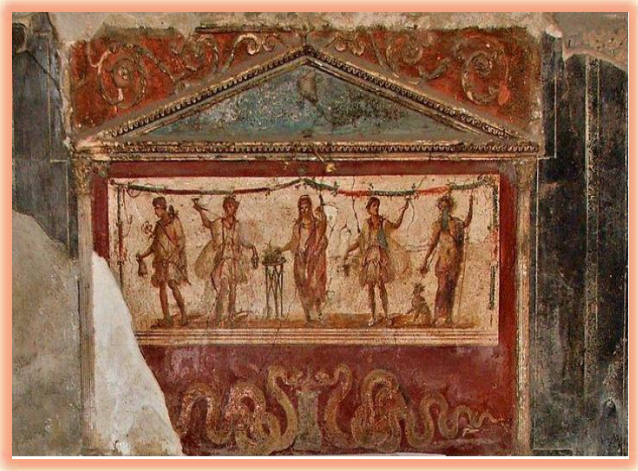


Figura 08: Um afresco na cidade de Pompéia, representando o espírito (gênio) da central casa, ladeado por Lares e Penates. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Religião_na_roma_antiga. Acessado em: 15/04/2023

Para a proteção dos lares haviam os deuses familiares denominados *Lares*, *Mane* e *Penates*, são divindades domésticas romanas. Inicialmente associados aos 'Manes', os 'Lares' passaram a ser cultuadas no culto doméstico primitivo como personificações de seus antepassados.

Os romanos sempre acreditaram que o destino da cidade e das comunidades estava ligado ao lar e aos deuses que representavam sua proteção divina. Cada um dos seus inumeráveis deuses tinha o seu domínio: um em uma família, outro, em uma tribo, outro ainda, em uma cidade, bastando-se a providência de cada um deles, zelavam pela cidade, protegiam a Cidade-Estado e eram de algum modo, seus chefes e seus senhores (Coulanges,1961)

Enfim, tudo o que permeava o mundo sobrenatural pertencia ao domínio sagrado, assim como os lares, deuses e os rituais, protegidos por poderes divinos, onde o culto as divindades haviam de desempenhar uma função através da história religiosa de Roma.

Entre as pluralidades do sistema religioso dos antigos povos romanos, conta os rituais de magia amorosa, bem como suas simbologias. A magia é uma das práticas ritualísticas, que se difundiu na civilização da Roma Antiga, desde a adoção de deuses estrangeiros e ao longo do tempo se configurou como uma de suas crenças e costumes. È o que será pontuado agora-lócus desse capítulo.

Desse modo, esse estudo quer ressaltar que essas práticas de magia estão contidas nas memórias dos grupos coletivos, mesmo que de modo inconsciente, sobrevivem nas massas populares, por meio de seus aspectos plurais. Ainda que a percepção dos sujeitos se altere

quando se trata de tempo, suas experiências em dados momentos, trazem raízes profundas através dos testemunhos transmitidos entre os grupos sociais, durante gerações.

As práticas de magia

'Feitiços', 'encantaria', 'superstição', 'trabalhos', 'amarração', já ouviu falar? Mesmo que não se faça uso, em algum momento de nosso cotidiano ouvimos alguém próximo falar algo a respeito, ou relatos de alguma dessas práticas vivenciadas por outrem. Enfim, todos esses aspectos das *religios* citados, se relacionam as práticas de magia, porém nem todos seguem os mesmos propósitos, se diferenciam por indivíduos, interesses, crença e/ou religião. **A magia amorosa**- a exemplo, é um ritual praticado para mudar as forças da natureza, fazendo o (amado), a (amada) despertar no amor, sem uso diretos no processo de conquistas.

GLOSSÁRIO

Superstição- do latim superstitio, onis - medo excessivo do sobrenatural. Crença irracional. Sentimentos de veneração religiosa fundada em crendices.

Amarração- ato ou efeito de amarrar, prender. Na magia do amor, forçar a pessoa desejada a se prender.

Vale ressaltar, que o uso das práticas de magia está presente em nossa cultura religiosa, desde as civilizações Antigas, por isso é importante reconhecer, a relação que as sociedades construíram desde a antiguidade até aos dias de hoje. Assim, como a verossimilhança com o sagrado nas práticas das religiosidades, pois esses costumes se acomodam no cotidiano social dos indivíduos. Os "fatos históricos seriam invisíveis se não fossem articulados no presente, pois a história argumenta sempre" (Sarlo, 2007). Entre os romanos, a magia passou a ser praticada pelas autoridades civis e ao longo do tempo se difundiu na sociedade, fazendo parte de suas crenças:

> Parece-me, porém, que a superioridade maior do povo romano está em suas concepções religiosas; refiro-me à superstição, que é o sustentáculo da coesão de Roma. Essas práticas revestem-se de tanta teatralidade e se integram a tal ponto em sua vida pública, bem como em sua vida privada, que nada as exclui para surpresa de muitos observadores (Polibios, VI-56).

A magia no mundo romano também esteve intimamente relacionada com a religião, de modo que nem sempre era fácil distinguir as fronteiras entre as práticas religiosas e as práticas mágicas. **A magia,** é um sistema complexo que permite formar uma grande cadeia, na qual se pode chegar até a divindade. Portanto, as famosas "leis mágicas" explicam o valor das representações, (amuletos), da música, da dança e, sobretudo dos encantamentos. O mundo do mágico se estabelece bem como aquele onde a imagem é objeto, o nome é a pessoa e a voz é criadora, tornando visível o invisível simbólico (Cândido, 2006).

Figura 09- Amuleto para afastar a inveja. Mosaico romano da "Casa do Mau-Olhado" (século II a.C., Antioquia). Fonte:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Magia_no_mundo_greco-romano> Acesso: 24/02/24

Objetos, amuletos de magia

As fontes epigráficas e os dados arqueológicos provam a existência de práticas mágicas em Roma. Entre esses, os *defixiones*- plaquetas de chumbo com imprecações mágicas que foram encontrados em espaços como fundos de poços d'água, interior de sepulturas, cemitérios, leitos dos rios, santuários e templos. As imprecações destes tabletes passaram a ser utilizada, principalmente para situações de rivalidades e conflitos sociais, nos casos de ritos (amorosos, comerciais, disputas esportivas), todos com a intenção de intervir na ordem dos acontecimentos futuros Graf, 1994 (*apud* Silva, 2004).

Figura 10 -Tablets, lâminas de *defixiones*. Fonte: https://www.nationalgeographic.pt/historia/feiticos-e-supersticoes Acesso: 15/02/24

Importante saber que, a magia encontrada nesses objetos, lâminas (os *Katadesmoi*) tablets, são imprecações- um desejo do mal expresso contra alguém, para prejudica-lo e/ou atingi-lo em algum momento da vida- a exemplo, nas atividades comerciais, nas plantações, para as testemunhas no tribunal e dos rivais de relações amorosas. Como se pode notar, a **magia** pode ser utilizada

para conseguir diversos interesses, não importando a forma ou desejo. Já nos rituais de magia para incutir o amor, a *imprecação amorosa,* é considerada como uma maldição, caracterizada por rivalidades amorosas. O que é o *Katadesmoi*? Em grego, são os tabletes de imprecação, ou seja, os tabletes gregos, semelhantes aos *defixiones* dos povos romanos. Esses objetos aparecem no dialeto ático como *katadeo* e tem por significado amarrar, prender, imobilizar, atar alguém embaixo da terra. O termo *katadeo* integra o repertório de maldição, expressando o ato decantar visando, conjurar alguém, enfeitiçar através de encantamentos.

GLOSSÁRIO

Imprecação- desejo expresso de que algo de mau aconteça a um ser ou a uma coisa; praga, maldição, vociferação. As lâminas de imprecação, eram denominadas na Grécia por *katádesmoi* e em Roma por *defixios* e podiam também ser usadas para fins amorosos (Martins, 2008).

As práticas da magia são utilizadas para alcançar diferentes desejos. Sendo assim, os rituais de magia podem ainda, ter a finalidade de proteger o indivíduo em determinadas circunstâncias: na guerra, em viagens, nos negócios, nas plantações, na saúde e no amor etc. Nesse sentido, a magia possui as seguintes denominações: "boa ou benéfica", quando as forças sobrenaturais são invocadas em benefício de alguém, "má ou maléfica", quando é realizada para fazer o mal (Marconi & Pressotto,1998).

Figura 11- Afresco, representa um viajante consultando um mago. Encontra-se no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. Fonte: https://www.nationalgeographic.pt/historia/feiticos-e-supersticoes> Acesso: 13/02/24

No capítulo anterior, vimos alguns conceitos e definições sobre os aspectos plurais que compõe as religiosidades, entre eles: os ritos e rituais, o animismo, o maléfico/ benéfico, a magia, entre outros, por meio disso foi possível compreender suas conjecturas, suas relações no meio em que vivemos. Sendo assim, através desse contexto, propõem-se entender como eram praticados os "rituais de magia do amor" na Roma republicana e qual era a sua finalidade em sociedade.

Os rituais de magia amorosa

Como vimos, a magia esteve presente em Roma desde o início de sua História. Um ritual de magia amorosa é uma prática aplicada a crenças, na convicção de manipular a ordem natural para forçar o amor desejado sem ter que usar formas de conquistas diretas. Para a realização dos ritos, são utilizados amuletos, fórmulas, porções, bonecos, escritos, ervas, encantamentos, entre outros.

Lembrando que a palavra, **magia** do grego'μαγεία', foi empregada em uma época determinada, aludindo às atividades dos magos que são certos indivíduos que possuía um saber específico sobre a eficácia da magia, justamente pelo seu domínio acabava sendo perseguido, entre eles, adivinhos e feiticeiros (Baroja (*apud,* Silva, 2004). Os feitiços do amor em Roma são testemunhados nos textos de Ovídio Nasão, um historiador romano que descreve em sua literatura atos de magia para incutir o amor. A magia assume, na poesia de Ovídio, não só o lugar de um tema para amor, mas todos os assuntos que a elegia erótica se propõe a apresentar (Silva, 2006).

Figura 12-"Feitiço do amo e vudu" (século IV) do grego-*kolossoi,* romano-*defixione*. Fonte: <ttps:pt.wikipedia.org/wiki/agianomundo-greco-romano> Acesso: 20/02/24

A história das conquistas dos povos romanos é repleta de honrarias, de tal forma que eles se denominavam de conquistadores do mundo, mas ao se tratar do amor demonstravam ser exigentes, sendo assim não se desistia de uma paixão mesmo que fosse impossível. Nesse sentido, a magia amorosa entra no espaço social de Roma como uma prática comum, para conseguir o objeto sexual desejado.

Geralmente, a magia para o amor era executada pelo interessado (a) ou por especialistas que sabiam como fazer os *katádesmoi* amorosos, os filtros e os encantamentos. Este tipo de magia tem a intensão de forçar o amado (a) a se apaixonar, garantir a fidelidade ou a volta – nos casos de separação – ou ainda, servia de vingança nos casos de desprezo (Santos, *s.d*,18). Desse modo, encontra-se em Roma uma mistura de ritos e cultos com sujeitos e praticantes do cenário mágico.

No que se refere aos sujeitos **praticantes**, em Roma todas as camadas sociais praticavam magia ou acreditavam em seus poderes, ou seja, "não é uma característica da base indigna da sociedade das mulheres como se costuma colocar: das matronas às e mulheres simples, das grandes famílias às famílias suburbanas" (Silva, 2004). De acordo com os documentos da historiografia especializada, como a literatura Ovidiana, as práticas de magia do amor não se limitam a determinados grupos sociais. Havia sim, uma camada mista da sociedade que realizavam essas práticas mágicas com a mesma intensão e finalidade: prender, amarrar o ser desejado por meio de encantamentos e feitiços, independente de classe ou gênero. Pois acredita-se que as práticas de feitiçaria consegui findar com as expectativas de esperar o amado (a) se apaixonar, ou seja, diminui os processos de conquistas dos praticantes.

Figura 1- Este mosaico em Pompéia, representa duas jovens mulheres consultam uma feiticeira. Fonte: <https://www.nationalgeographic.pt/historia/feiticos-e-supersticoes-no-tempo-dos-romano >Acesso: 24/02/24

Nessa ordem, pode ser que **feiticeiras** e **feiticeiros**, assim como **adivinhos** e **adivinhas,** fossem recrutados nas camadas sociais mais baixas, mas a crença em poderes mágicos se encontrava disseminada por todos e todos os lados (Tupet, 1976 (*apud* Silva). Em contrapartida, em relação ao gênero dos praticantes de magia, a literatura destaca mais a mulher como maior realizadora. O homem seria mais comum praticar em detrimento da mulher, mas isso não desclassifica os interesses, mesmo que o conhecimento na maioria fossse essencialmente feminino. "É sempre a mulher que é uma feiticeira, aparecendo de forma trágica em rituais de magia que muito se assemelha as práticas dos dias atuais" (Silva, 2004, p.93).

Figura 14- Tela, preparo de Ervas, Perfumes para Feitiços. Fonte: https://www.sympla.com.br/play/mulheres-egipcias-na-terra-dos-faraos-ervas-perfumes-feiticos. Acesso: 27/02/24

Reverberando a mitologia grega, entre as personagens que aparecem na literatura romana estão **Circe** e **Média**, consideradas como feiticeiras ***striga-*** O termo *striga* significa bruxa, do latim *strig*a (Silva, 2004)**.** Ambas são retratadas nas poesias sobre o amor de Ovídio. Em Fatos- Estriges, o poeta narra a metamorfose da feiticeira que muda de forma e se reveste de plumas. Descreve a difusão da crença no poder de se transformar em *striga,* uma (espécie de pássaro).

Figura 15-Circe oferecendo uma taça para Ullisses. John William Waterhouse, (1891). <https://pt.wikipedia.org/wiki/Magia.no.mundo-greco-romano> Acesso: 22/02/24

De acordo com os escritos da literatura de Ovídio, Medéia é uma 'bruxa', uma 'alcoviteira', que aparece como uma velha má e poderosa, que produz filtros mágicos por meio de ervas pelo amor de Jasão: "medéia usa ervas e encatamentos com toques mágicos para incutir o amor" (Ovìdio, Arte de amar, Livro II). A literatura cita também, Circe, outra figura femenina, que mesmo depois de usar da magia não consegue atrair o amor de Ulisses.

Medéia é apresentada no teatro de Dioniso em 431 a C., e nos remete às práticas da magia, aos sentimentos femininos e à condição social da mulher grega no período clássico. As práticas mágicas no mito de Medéia indicam o domínio e o conhecimento de ervas, infusões e raízes que não denotam possuir poderes mágicos (Candido, 2006).

Figura 16- Medéia de Eurípedes. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Medeia> Acesso: 25/02/24

A nossa documentação textual nos indica que várias mulheres míticas detinham o conhecimento e o domínio de ervas e filtros para encantamentos. Um saber que se estendeu, por tradição, às mulheres, consistia na habilidade em manejar o cozimento das ervas, folhas e raízes para fazer infusões e filtros, usados também em benefício da saúde. Na elegia, Canção Terceira do livro I de Amores, no verso (VII) Ovídio Nasão descreve o perfil de uma bruxa e um ritual mágico, se refere às 'bruxas', as alcoviteiras **Medéia** e **Lena**. O poeta explica o ritual e mostra o uso de elemento*s* mágicos.

A magia feminina foi muito domesticada dentro da família patriarcal de Roma, o que tornava a mulher inquieta e conservadora. Por isso, nunca abandonavam a natureza, assim cercavam-se de tabus e se purificavam com ritos (Beauvoir (2009). Diante desse exposto, surge a inquietação em saber: como eram realizados e preparados os rituais de magia amorosa?

Começamos pelas descrições expostas na documentação de Públio Ovídio Nasão, autor romano que escreveu poemas sobre os ritos de magia amorosa no período republicano. Por meio desses escritos, o autor faz um alerta sobre o costume de praticar a magia, uma espécie de conselho que o poeta transmite aos indivíduos, para que não se faça uso das práticas mágicas.

Em Remédios para o amor, o poeta descreve os crimes de *Medéia* e *Mirra* e **as tristes consequências** dos "poderes maléficos", dos impulsos e **destruições** motivadas pelo amor. Na obra a arte de amar, Ovídio aconselha as pessoas que **não façam** uso de práticas mágicas: "o caminho das artes mágicas **é proibido** e em nada vale em assuntos amorosos" (Nasão, 1994). O autor cita o exemplo de Circe e Medéia, pois ambas usam do conhecimento mágico para conquistar seu amado. O poeta menciona também o ritual de Isís nas intrigas amorosas (Silva, 2004).

Figura 17- Tela , a Poção do Amor", pintura de Evelyn Morgan, (1903) - retratando uma feiticeira a confeccionar o elixir do amor. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Poco-do-amor> Acesso: 27/02/24

Quanto a preparação dos ritos, a técnica variava de acordo com a utilidade e a intensão do ritual. Assim, era composto por materiais, ferramentas e fórmulas diversas, que se diferenciavam dependendo de sua atribuição e o nível da energia magica, bem como a sabedoria e as crenças em forças sobrenaturais que o praticante evocava ou manipulava para realizar o ritual e obter o resultado almejado.

O uso de ferramentas mágicas como as os tablets de chumbo, as lâminas- (os (*defixiones*), símbolos e encantamentos eram bastante comuns nos rituais de magia amorosa, assim como na medicina natural que produz chás e efusões a partir de ervas, plantas para tratar a doença e através disso retardar a morte, também eram realizados os encantamentos e feitiços do amor com finalidade semelhante. Filtros e os sutis venenos feitos a partir de plantas

consideradas maléficas, o uso de cadáveres, e da imolação de meninos, se referem às práticas atribuídas às bruxas (Silva (2006).

Na realização de um ritual de magia amorosa, também faziam uso de **poções mágicas** para se enfeitiçar de amor, fazer o corpo arder de desejo ou arder literalmente em chamas, como foi o caso da nova mulher de Teseu, por vingança de Medéia. A ideia de fazer o corpo do "amado arder em chamas" integrava o repertório da magia amorosa e podia significar arder de paixão ou, em caso de desprezo do amado, na sua real destruição física. Por este motivo, muitos homens temiam serem vítimas de feitiços de mulheres casadas, que, por ciúme ou pretendendo manter o interesse do marido, poderiam realizar feitiços e encantamentos.

Figura 18-Tela, Eligir do amor, pintura de Evelyn Morgan, (1903) Fonte: <https://pixels.com/featured/the-love-potion-black-magic-evelyn-de-morgan>Acesso:27/02/24

Nesse sentido, observa-se ainda os seguintes 'poderes' nos rituais mágicos como: mudar o curso dos astros e rios, fazer descer a lua do céu, estragar colheitas e utilizar plantas e fórmulas para compor filtros e venenos, serviam para provocar o amor da pessoa desejada ou separar amantes.

Os feitiços eram preparados em cerimônias com cenários específicos, como os cemitérios, pois era aí que essas mulheres, vestidas de negro, com serpentes verdadeiras ou falsas no cabelo e pés descalços, procuravam por ingredientes (ossos e ervas maléficos) para fabricar seus filtros, que eram capazes "de provocar a paixão num indiferente e ressuscitar os sentimentos amorosos de um infiel" Salles, 1983, (*apud* Silva, p.73).

Figura 19- Tela "as bruxas" Canídia e Ságana fazem feitiços amorosos durante a noite, óleo de J.E. Hummel. 1848. Fonte: <https://pt.wikipedia.org//Feiti-de-amor> Acesso: 20/02/24

Conforme os rituais iam sendo finalizados, os objetos e as imprecações como as lâminas, que eram utilizadas para a magia amorosa, logo depois eram enterrados junto às tumbas.

Por esse motivo, é possível encontrar em todas as civilizações um interesse pela **lua**, e as **lendas**, as **crenças supersticiosas**, as **cerimônias** ou os r**itos** (Tupet (1976). Para conseguir realizar seus desejos mais profundos, os feiticeiros evocavam por meio de forças sobrenaturais, o auxílio das divindades.

Figura 20- (Botticelli, c.1485). O Nascimento de Vênus (Deusa do amor e da beleza. Acesso: 24/0224
Fonte: <https://www.todamateria.com.br/deusa-venus>

Nesse sentido, uma série de deuses que eram utilizados nas fórmulas mágicas, entre os que se destacam nas práticas mágico-amorosas estão: **Hécate**, por ser considerada a rainha da magia, **Vênus**, por ter seguido, na literatura elegíaca, a tradição grega que a considerava uma deusa feiticeira, favorável aos amores e **Ísis**, que também aparece como uma deusa propícia aos feitiços amorosos Tupet, (*apud,* Silva, 2006, p.81).

As práticas de magia para o amor também envolviam os relacionamentos sexuais, em que a mulher era representada apenas como objeto do desejo e prazer do homem ou uma espécie de aparelho reprodutor. Salienta-se que a mulher na sociedade romana demonstrava estar em subversão ao "protocolo amoroso". No amor, o protagonismo competia à mulher e o homem não passava de uma vítima sua, a quem era preciso tudo ensinar, para se não vergar às "artes mágicas" de tão poderosa adversária. Mais importante, ainda, foi o direito ao prazer, ou seja, o direito à fruição do próprio corpo, na mesma medida em que ele era reconhecido ao parceiro masculino. Roma era considerada como uma cidade onde o sexo e o prazer eram uma realidade quotidiana (Ascenso (s.d.).

Figura 21- Hécate, Tríplice Divindade, deusa do da magia e dos feitiços. Fonte: <https://reinodasfabulas.wordpress.com/hecate-a-senhora-da-magia> Acesso:25/02/24

Todavia, a concretização física (sexual, portanto,) do amor, a busca e obtenção de prazer que constitui o objetivo último do amor, tudo isso era um processo que deveria ser desenvolvido em conjunto pelos dois amantes em si envolvidos. Por

meio desse contexto sobre a religião dos antigos romanos, entende-se que ela teve desde o princípio do mundo o seu papel na sociedade, sua importância para o homem que buscava nos seres divinos sua sobrevivência, a sua proteção, a *pax deorum*- paz com os deuses. Como se refere o historiador:

> Por essas razões não penso que os antigos tenham agido irrefletidamente e por acaso, ao introduzir entre a gente do povo noções relativas aos deuses e às crenças nos horrores dos infernos e sim que os modernos são muito mais irrefletidos e insensatos banindo tais crenças (Políbios, VI -56).

As práticas religiosas e seus aspectos plurais, entre eles, a 'magia'e 'ritos' que existem desde a Antiguidade, são recorrentes até os dias de hoje, mas que se tornam excluídos dos processos educativos. Nota-se, que as crenças dos povos antigos têm um alcance amplo para conhecimento, para o fazer e ensinar História, um recorte que pode transcender o espaço escolar, eles estão e fazem parte da vida familiar, das instituições e comunidades, ou seja, são memórias que estão vivas no imaginário social de um povo, integrantes da cultura do passado até os dias de hoje.

Portanto, é significante pensar, ampliar e conectar conhecimentos, resgatando memórias, apresentando por meio disso, elementos, figuras, costumes, comportamentos de sujeitos que sempre fizeram e fazem parte do cotidiano de qualquer indivíduo em sociedade, como os seus rituais de vida, que se configuram desde o nascimento- ritos de consagração, até aos rituais de magia para incutir o amor. Magia e ritos não são superstições inventadas, são práticas e crenças existentes desde os primeiros povos de nossa cultura humana.

De acordo com essas práticas romana, em cultuar os deuses, foi que as cidades e instituições se formaram, como um conjunto das relações que cada um devia manter com os deuses: através dessas relações, entre religião e crenças, surgem os rituais de magia, praticados com a finalidade de incutir o amor da pessoa amada. A prática de realizar a magia contida entre os romanos, era tida como um elemento de fé poderoso, para manipular as forças da natureza e conseguir seus mais difíceis desejos. Podendo ser usada pelo feiticeiro para o 'bem ou para o mal': "a magia pode ser usada com essa finalidade e, de fato, provavelmente o é em todas as regiões do mundo" (Malinowski, 1984).

VOCÊ SABIA?

A lei Lei n° 9.394/96 - prevê no "Art. 33, que a inclusão do ensino religioso nas escolas públicas, deve assegurar o **respeito** "à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de **proselitismo**". O que significa que o ensino deve ser incluso de forma diversificada, abrangendo as pluralidades religiosas sem fazer uso e partido de causa.

O **proselitismo** - Zelo ou esforço para fazer prosélitos ou converter pessoas a uma religião, a uma causa ou a uma ideia. **Conduta** de um indivíduo que tenta "convencer" outra pessoa a trocar de religião, e/ou demonstrar que a crença de sua preferência deve prevalecer em detrimento das outras.

Entre os objetivos da **BNCC** está: desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre **perspectivas religiosas** e seculares de vida, exercitando o **respeito** à liberdade de concepções e o **pluralismo** de ideias, de acordo com a Constituição Federal.

Entre as **competências**: debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de "intolerância", "discriminação" e "violência" de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz (Brasil,2018).

O artigo 18º da **Declaração Universal dos Direitos Humanos** (DUDH) diz que "toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião. Significa que todo indivíduo pode mudar de religião, bem como manifestar sozinho ou em comum, 'tanto em público' como 'em privado', pelo ensino, pela prática, pelo **culto** e pelos **ritos**".

VOCÊ SABIA?

As **simpatias,** são práticas ritualísticas que existem desde as nossas civilizações antigas e estão presente no nosso cotidiano contemporâneo. A "magia simpática", também conhecida como magia imitativa, é um tipo de magia baseada na imitação ou correspondência. Envolve o uso de objetos e amuletos para afetar a natureza e/ou o ambiente das pessoas (Frazer 1889).

Existe um alfabeto formado por 25 letras: as **runas**, usadas para escrever nas línguas germânicas da Europa do Norte. Elas também foram usadas como oráculos e para **propósitos mágicos**, escritas e adivinhações pelas tribos germânicas e nórdicas, Escandinávia e Grã-Bretanha.

A palavra "**runa**" significa 'mistério' e segredo. É um sistema de leitura de oráculo usado para ajudar a entender situações e responder perguntas. As runas podem ser feitas de vários materiais, mas geralmente são feitas de pedra ou madeira e têm um **símbolo** de alfabeto rúnico sobre as peças.

Figure 2- Foto: reprodução, (runas) em madeira

As **runas** podem te trazer respostas e também podem ser usadas para fazer **simpatias do amor.**

Se quiser que seu amado (a) volte a falar, "escreva-desenhe uma runa do amor no pé esquerdo e embaixo da runa, escreva a inicial do nome da pessoa desejada". Em três dias seu 'alecrim dourado', voltará a falar.

Figure 1- Imagem reprodução, (Runa)

VOCÊ SABIA?

Na religião dos antigos romanos, o culto aos deuses era tido como um momento sagrado tanto para os lares – (campo privado), bem como para as cerimônias públicas. Nesse sentido, os deuses eram sempre cultuados pelo *populus romanu*.

Os romanos também adotaram e adaptaram elementos da mitologia grega em sua religião. Muitos dos **deuses** romanos tinham equivalentes na mitologia grega, egípcia, **as histórias** e **mitos** estavam relacionados. Isso reflete a influência cultural e a interação entre as duas civilizações antigas como, a **Vênus** dos gregos e **Afrodite** dos romanos- deusas da beleza e do amor.

Figura 3- Pintura, representa a deusa Vênus

Figure 4- A imagem representa a deusa Isis

Uma série de **deuses** eram utilizados nas 'fórmulas mágicas', entre os que se destacam nas práticas mágico-amorosas, está **Isis** – a deusa da **magia** e da **beleza**, representava o ideal de mulher, esposa e mãe dedicadas, era cultuada e evocada nos rituais de **magia amorosa**.

Professor (a), chegou o momento do apoio didático interativo com a turma. Através desse conteúdo você poderá estimular o interesse pelas temáticas e conceitos abordados no capítulo, sempre relacionando os diferentes temas ao conteúdo de sua disciplina ou rotina escolar. Lembrando, que aqui temos duas opções de atividades, mas você também pode desenvolver ações, conforme seu critério pedagógico, utilizando o material paradidático como subsídio.

I. **Quais são as principais características dos rituais e práticas mágicas na religião romana?**

II. **Como as antigas crenças e instituições romanas influenciaram a formação das sociedades e das leis atuais?**

III. **De que forma a religiosidade dos antigos romanos se manifesta na sociedade contemporânea e quais são os desafios enfrentados?**

IV. **Analise e enumere quais os aspectos plurais da religião dos antigos romanos?**

V. **Vimos que os povos romanos estavam sempre em conexão com as práticas religiosas. Explique qual era a principal característica, e porque era importante manter essa conexão?**

VI. **O homem romano estava sempre interligado com os poderes divinos, explique o que é a *pax deorum* e qual sua relação com as forças da natureza?**

VII. **Apresente como era formada a hierarquia das autoridades religiosas romanas e como era a sua representatividade?**

VIII. **Cite como eram realizados os cultos sagrados e qual era sua importância na cultura religiosa de Roma?**

IX. **Para os romanos os deuses eram seres sagrados, cite quais eram as principais divindades e o que cada uma representavam?**

X. Entre os deuses da civilização romana citadas no texto, existe alguma que possa correlacionar com as divindades das religiosidades contemporânea? Comente!

XI. As práticas e magia eram direcionadas para diversas finalidades, dentre essas, quando eram consideradas como benéficas?

XII. No período republicando houve uma alteração no sistema religioso, em que outras práticas, costumes e crenças foram adotados de regiões estrangeiras, entre esses:

a- Os deuses e as práticas de magia.

b- Os sacerdotes religiosos e os cultos.

c- As práticas de magia, os deuses e os cultos.

d- Os adoradores, os cultos e práticas orientais.

XIII. Qual das seguintes opções descreve corretamente o papel da religião na sociedade romana antiga?

a- A religião romana era exclusivamente centrada em rituais de sacrifício humano.

b- Os romanos não tinham nenhuma crença religiosa específica.

c- A religião romana influenciava todas as esferas da vida cotidiana, incluindo aspectos políticos, sociais e familiares.

d- A religião romana era totalmente separada das práticas culturais e sociais da época.

Sugestões de atividades:

I. Professor (a), crie um momento de pesquisa em sala de aula utilizando o paradidático, por meio de cópias de páginas que aborde temas de seu interesse. Estimule o alunado a realizar leituras para desenvolver questionário sobre os aspectos plurais da religião romana. Utilize também, as informações do expostas no “Você Sabia” para essa tarefa.

II. Organize o ambiente, com a cadeiras em círculo; escolha temáticas abordados no capítulo, que você considera polêmico para ser discutido em sala; elabore perguntas escritas em papéis cortado, os distribua entre grupos, para que se desenvolva um momento de debate; dialogue por meio dos conteúdos sobre as pluralidades religiosas. Sugestões:

- Qual a semelhança entre as práticas religiosas da civilização de Roma Antiga que se acomodam nas religiosidades do nosso cotidiano atual?
- Acredita em crenças supersticiosas? Conhece alguma? Comente!
- Faria uso da magia do amor para incutir a pessoa (amada)? Argumente!

III. Utilize as temáticas e termos abordados em curiosidades- "Você Sabia?" para desenvolver debates e/ou diálogos em sala ou na comunidade escolar.

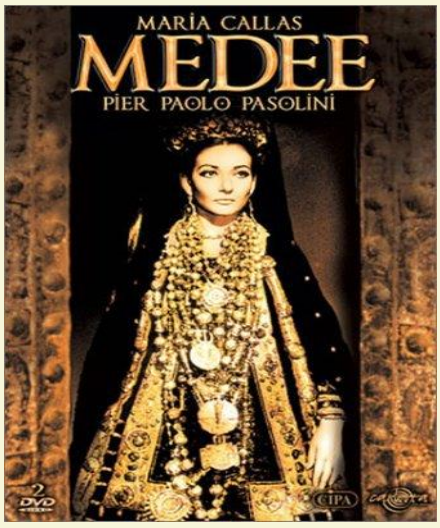
IV. Escolha imagens dos capítulos e estimule o alunado a explicar o que interpretou sobre a imagem/tela ou pintura; desenvolva um momento de artes visuais na turma;

V. O papel feminino nas práticas ritualísticas era bem difundido. Será que o grupo masculino também fazia o uso da magia para encantar o amor? Professor (a) incentive o alunado realizar uma pesquisa sobre a temática.

Sugestões de filmes:

I. Medéia, a Feiticeira do Amor

O longa é uma adaptação que retrata a história da feiticeira do amor- Medéia, uma tragédia grega de Eurípides, datada de 431 a.C. Para retomar o reino que seu tio roubou de seu pai, Jasão (Giuseppe Gentile) rouba o velocino de ouro e seduz a poderosa feiticeira Medéia (Maria Callas), realeza em um local onde o poder surge de sacrifícios humanos.



Na trama, ela mata o próprio irmão para fugir com seu amado. Anos depois, Medéia é traída por seu amado, e abandonada por Jasão, que pretende se casar com a filha do rei. A feiticeira fará, então uma terrível vingança contra seu

antigo amante. O longa é uma obra dirigido por Pier Paolo Pasolini e o roteiro de Pier Paolo Pasolini, com o Elenco de; Maria Callas, Massimo Girotti, Guiseppe Gentile. Lançado em 1969, filme Medéia, título original (Medea). Abaixo o link da trama:

- **Filme disponível no link:<< https://vimeo.com/87535200>>. Acessado em: 24/02/2024**

CAPITULO III

As permanências da pluralidade religiosa no mundo contemporâneo: perspectivas e desafios

O costume de rezar, fazer uma oração, ir à missa, participar do culto, ir ao terreiro do "pai de santo", todas são manifestações das práticas religiosas de um povo, independentemente de sua matriz cultural: cristã, afrodescendente ou extra cristão, fazem parte do mesmo conjunto de crenças- as **pluralidades religiosas**. Enfim, existem uma diversidade de crenças religiosas no mundo em que vivemos, por isso é necessário estudar e conhecer, para reforçar o desafio em criar possibilidades do **diálogo inter-religioso** entre professores, estudantes e comunidade escolar.

Figura 2- Figura representativa, as diversidades religiosas. Fonte: <https://luis-leite.webnode.page/news/a-pluralidade-religiosa-do-povo-brasileiro> Acesso: 02/04/24

Sabe-se que a escola é um espaço coletivo de integração e grande reprodutora de conhecimento social, entre esses e outros motivos, traz a reponsabilidade de acolher a todos com igualdade e respeito, independente de credo, classe e raça. A escola dinamiza a educação, um direito de todos, sendo assim, funciona como uma acolhedora ao imperativo de incorporar à sua cultura as diversidades.

A Declaração sobre Educação relembra, que a educação é um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro. Desse modo, entende que a escola deve atender necessidades básica para uma educação de forma humanizada, expressando o respeito a toda e qualquer herança cultural, linguística e espiritual, ou seja, de promover a educação de outros, de defender a causa da justiça social, de proteger o meio-ambiente e de ser tolerante com os sistemas sociais, políticos e religiosos que difiram dos seus, assegurando respeito aos valores humanistas e aos direitos humanos comumente aceitos, bem como de trabalhar pela paz e pela solidariedade (Brasil,1990). Historicamente, esta instituição foi constituída para formar sujeitos, instruir, qualificar e integra-los em sociedade como cidadãos de bens, nesse propósito, a escola tem o papel institucional de produzir saberes para socializar culturas, as diversidades e diferenças (Kadlubitski & Junqueira, 2011).

A escola não só deve buscar formações, mas também pode tornar realidade suas teorias estudadas e utiliza-las em sala de aula, a família deve procurar participar se aliando junto à comunidade escolar. “Educar é ter coragem para encarar o desafio de trabalhar com pessoas, tão diferentes entre si e em alguns momentos tão semelhantes, problemáticas, encantadoras, imprevisíveis, surpreendentes. Educar é preparar para a vida” (Lopes, 2017, p.13).

Assim, por meio desse constructo vamos estudar as novas perspectivas que o pluralismo religioso trouxe para a sociedade contemporânea, um fenômeno que desafia o ser humano a se educar para conviver respeitando as diferenças que o circunda. Mas antes de adentrar com a temática sobre as permanências da pluralidade religiosa, será pontuado aqui, a importância do ensino de História Antiga e de religião para a educação básica.

O ensino de História Antiga

Nos interessa pontuar nesse contexto, a importância do ensino de História Antiga no ensino básico, como um componente escolar que deve ser permeado de opções temáticas que desenvolva o senso crítico e reforce o respeito ao diálogo inter-religioso entre docentes e aluando. Ressalta-se então, a relevância do ensino de História Antiga, em particular, os estudos das civilizações clássicas a se fazerem parte do ensino básico, conhecimento esse que não deve ser limitado e /ou retirado dos currículos de História escolares.

Através da investigação acerca dos rituais de magia, tem-se o objetivo de enaltecer os estudos sobre as civilidades antigas, pontuando suas práticas e crenças o que deverá contribuir com as discussões sobre religiosidades e as diferentes experiências que as sociedades construíram com o divino, desde o passado até o contemporâneo. Por meio dessa perspectiva, busca-se respostas na história das crenças do *populus romanum*, para entender o valor simbólico das práticas religiosas, associadas aos rituais de magia amorosa.

Figura 3- Representação do *populus romanu*.
Fonte:<https://www.todamateria.com.br.roma-antiga> Acesso: 29/04/24

A Base Nacional Comum Curricular- (BNCC), é um documento normativo brasileiro do qual nos oferece esses subsídios, que é o de alcançar um ensino de qualidade que abranja uma educação de qualidade para todos. Nesse sentido, repensamos a relevância que o ensino de História Antiga representa no componente da disciplina de História, mostrando como essa fonte é um objeto de estudos fundamental para aproximar o passado de nossa realidade e como fortalece o conhecimento de mundo, sendo assim, deve estar contido nas propostas pedagógicas curriculares.

Figura 4- Pintura de Tétis mergulhando Aquiles no rio Estige / Crédito: Wikimedia Commons. Fonte: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br > Acesso: 29/03/24

Quem já usou a expressão o "calcanhar-de-aquiles", para se referir a um ponto vulnerável, talvez nem imagina qual a sua origem. O vocábulo é alusivo ao mito de Aquiles que, ao nascer, é banhado, por sua mãe, em um rio de águas mágicas, segurado apenas pelo pé, única parte do corpo que ficou desprotegida. Esse garoto cresceu e passou a se destacar por sua velocidade e sua força nos combates, mas durante a guerra de Tróia, acabou sendo golpeado no calcanhar sendo derrotado. Justamente o 'calcanhar', a parte mais vulnerável dele, foi atingida por uma flecha envenenada levando a morte de **Aquiles.** Atualmente, esse vocábulo é usado em nosso cotidiano para fazer referência ao ponto mais fraco de uma pessoa. Essas e outras várias expressões, termos, oriundos da cultura das civilizações clássicas como Grécia e Roma, são usadas no cotidiano da realidade contemporânea.

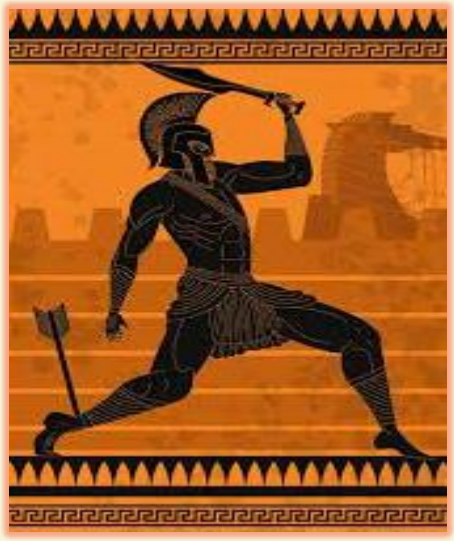


Figura 5-Figura representativa do calcanhar de Aquiles Fonte: <https://marcelocastelo.com/>Acesso: 29/03/24

Sabe-se, que a importância do ensino de História Antiga não se resume às permanências de referências nas expressões de linguagem, mas este tipo de informação pode ser bastante útil no trabalho com estudantes, ao introduzirmos um conteúdo, por exemplo. Mas, além disso, é necessário pensar o quanto o ensino de História da antiguidade é

fundamental para a compreensão de mundo, enfatizando que uma fonte como essa não pode cair ao esquecimento no ensino básico.

Em nossa sociedade moderna, existem diversas maneiras, ligações, costumes e culturas oriundas das civilizações clássicas e sempre há muito interesse pelos aspectos da cultura antiga, que de alguma forma se manifestam em nosso cotidiano, mesmo que que de modo inconsciente ou pouco explícito, mas está presente, gerando primeiro a curiosidade e depois o interesse por conhecer mais, a exemplo, termos ou expressões frequentemente usados em nosso dia a dia, como, "daí a Cesar o que é de Cesar", na política- a **Democracia** de Atenas, **o teorema de Pitágoras**, **a República**, **o Direito romano** são temas que sempre nos circundam, "em geral descontextualizados, sem que se possa entender bem seu sentido" (Funari, 2002).

Figura 6-Uma pintura de Philipp Foltz, do século XIX, representando um discurso do estadista grego Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Democracia.ateniense> Acesso:01/04/24

Assim, o passado apresenta-se como vidro estilhaçado de um vitral, antes composto por inúmeras cores e partes no qual a Memória e a História competem para compreender os fragmentos através da análise, para evitar que o humano perca referências fundamentais à construção das identidades coletivas (Lucilia, 2005).

Nitidamente, muitas dinâmicas que vivenciamos na contemporaneidade são **permanências** da chamada antiguidade. Mesmo que não saibamos, pratica-se ou se faz uso de costumes do passado, ou seja, sempre temos o passado, presente no presente/futuro. A **Democracia**- a exemplo, algo tão valioso para nós, é um termo surgido na Grécia antiga para designar uma forma de organização e administração da *pólis*. Por cerca de um século, a partir de meados do século V a.C., em que Atenas viveu esta experiência única em sua época. Outro exemplo, a (**Eclésia)**- assembléia do povo, significa a reunião de todos os cidadãos com do direito de tomar decisões em questões de políticas públicas, importantes para a sociedade. Enfim, muitas são as categorias políticas e jurídicas usadas desde o passado até os dias de hoje: "não há dúvida de que, para se entender como o mundo está organizado é necessário conhecer os conceitos que os próprios antigos usavam" (Funari, 2002).

Sendo assim, estudos como esse não devem ser niglenciados do currículo escolar, pois na organização e gestão do currículo as arbordagens das disciplinas devem ser plurisdisciplinar

e transdisciplinar, porque requerem dentro das temáticas pedagogicas, um conhecimento de mundo, que oriente as práticas dos educadores a organizar as atividades do aluando (Brasil, 2013).

Entende-se com isso, que o currículo escolar deve atender conteúdos plurais e, para além disso, que abranjam uma visão de mundo, ou seja, que possa ser enriquecedor para o conhecimento geral, universal, sem excluir ou omitir processos evolutivos de feitos humanos ao longo do tempo. Sendo assim, essa demanda inclui diversidades de conteúdos em todos os componentes curriculares do ensino básico. Entre esses, os de História da antiguidade e as pluralidades religiosas integrada como uma temática transidiciplinar nesse componente. A BNCC é um documento plural e contemporâneo que estabelece com clareza esse conjunto de aprendizagens essenciais e indispensáveis, para que todos os estudantes, crianças, jovens e adultos, tenham o direito à chegar em cada etapa da Educação Básica (Brasil, 2017).

Enfim, o próprio documento esclarece em seu texto princípios norteadores para que a aprendizagem contemple o ensino por meio de pluralidades, o que significa que todas as fontes de conhecimentos devem ser assistidas durante todas as etapas do ensino básico, assim como os currículos, possam ser colaboradores em suas ações pedagógicas. È necessário lembrar que o abandono da cronologia histórica no compromete do ensino de História retarda o entendimento temporal dos processos culturais, políticos e sociais da humanidade:

> Os estudiosos sempre analisaram a Antiguidade a partir de suas realidades, isto é, permite refletir sobre a relação dialética entre o presente e o passado. Somos nós que imaginamos as outras épocas. Os historiadores da Antiguidade também viveram em suas épocas, com suas paixões e preconceitos. Isto tudo deve ficar bem claro. Estudiosos, entretanto, acreditam que podemos sim tentar entender outras épocas baseados em conceitos da nossa e assim consideram relevante pensar-se na existência de classes sociais na Antiguidade (Funari, 2022)

Nesse sentido, veja-se que o abandono dos instrumentos do ensino de História Antiga leva consigo bagagens didáticas e impedem que o estudante possa ter a oportunidade de fazer uso desse recurso. É como um boicote a reflexão crítica, que automaticamente limita o público alvo da educação básica de repensar sobre formações econômicas, sociais, políticas e culturais vivenciadas nos dias atuais, comparando-às experiências da pré-modernidade. Evitar ser omisso à História Antiga, para com os processos históricos de povos como os dos “Gauleses”, “Celtas”, “Egípcios”, “Sumérios”, “Gregos” ou “Romanos”, é uma responsabilidade de todos que participam do campo de História.

Esses estudos são fundamentais para a compreensão dos modos de vida, ideias, valores e instituições de diferentes partes do mundo antigo, capazes de fazer refletir sobre os processos evolutivos que a humanidade vivenciou desde a Antiguidade:

> A história da Grécia e de Roma é testemunha e exemplo da estreita relação que há entre as ideias da inteligência humana e o estado social de um povo. Observai as instituições dos antigos sem atentar para as suas crenças". Observemos os gregos dos tempos de Péricles e os romanos dos tempos de Cícero: levam consigo marcas autênticas, e o vestígio indubitável de séculos mais remotos (Coulanges,1961).

É instigante pensar, que o afastamento do ensino de antiguidade se deve a questões políticas, o que nos leva a questionar: será esse o motivo desse distanciamento? No entanto, não nos cabe aqui analisar. Todavia, é importante frisar, que o ensino sobre História Antiga nos auxilia a refletir sobre questões relevantes vivenciadas na atual realidade, mesmo sendo de uma temporalidade distante do contemporâneo e da localidade brasileira, não significa que deve ser esquecida e/ou distanciada do público escolar.

Ao contrário disto, é necessário manter os objetos de estudos que relacionam os processos históricos sobre o passado com o presente, para que os estudantes possam se sentir instigados a sair de seu lugar no presente e procurar conhecer um outro mundo, no passado, ficar curioso, investigar, não para julgar, mas sim para compreende-lo. Pensar e refletir que a História dos povos antigos não é apenas legado, são memórias de uma passado que não deve ser apagadas nem negligenciadas, pois como diz as Diretrizes Curriculares Nacionais Curriculares (DCN´s): " a educação consiste, portanto, no processo de socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam saberes, conhecimentos e valores (Brasil, 2013).

Essas percepções nos afirmam, como a memória reconhece no presente algo que já se viveu mesmo quando o indivíduo não consegue entender em primeira ocasião um fato ou situação, em outro momento se torna a ver, recorda-se. As reconstituições em termos de recordações do passado, está sempre por perto, rondando o presente, como uma lembrança que surge em momento em que menos se espera, lembrar um fato mesmo quando não se quer ou não se pode ser relembrando (Sarlo, 2007).

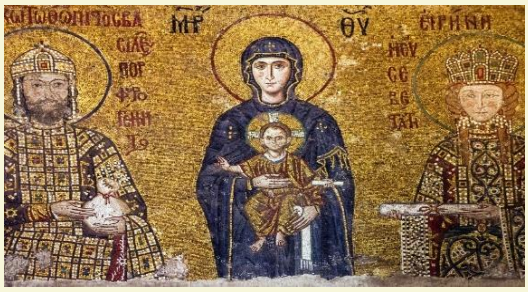
Do mesmo modo, são os **rituais de magia amorosa**, uma prática que tem suas raízes no passado, mas que nunca deixou de ser lembrada e praticada pelos sujeitos do presente, um costume ou crença religiosa, que foi passada de geração a geração, pelos testemunhos dos antigos, uma memória que não se desconsidera, sempre voltando para o agora como um elemento de longa duração no tempo. Do "passado, não se abstrai, não se desconsidera, nem por força de escolha nem mesmo de inteligência" (Sarlo, 2007, p.9).

Essas contribuições estão relacionadas a liberdade de se trabalhar com a memória dos povos antigos, refletindo que o processo de formação histórica é responsável por possibilitar a compreensão de uma significação cultural do passado, ou seja, torna mais tênue os níveis de

cientificidade do pensamento histórico, significa entender que a subjetividade pode ser assumida, admitida de forma adequada e compatível com a cientificidade do conhecimento histórico.

Todavia, por meio desses saberes da memória do passado, pode-se compreender como o estudo sobre **rituais- os "ritos de magia**", estão estreitamente correlacionados, pois fazem parte de uma prática religiosa de longa duração, oriundo do berço de nossas civilizações antigas- greco-romanas. Transcende em nossas diversidades culturais, mesmo quando não-conscientes, ao realizar as práticas de magia, o seu sentido e significados são os mesmos. Sendo assim, a **magia** representa as "memórias dos velhos", manifestadas pela memória-hábito, a lembrança e seus modos de recordar o passado.

O Ensino de História Antiga e Religião



Esse contexto se preocupa em construir um diálogo direcionado para o leitor (educador), que busca subsídios para complementar o seu planejamento didático dentro do componente de estudos na disciplina de História, aliando a fonte do ensino de História Antiga com o objeto de estudo sobre religião e suas pluralidades. Assim, compactua com temáticas transversais do **multiculturalismo** contemporâneo, para reforçar o discurso ao **respeito inter-religioso** na comunidade escolar.

Esse estudo delimita as tensões e os desafios causados pelo silêncio nos currículos oficiais, no que se refere as manifestações e as diversidades religiosas, que geralmente só enfatizado em seus projetos a uma exclusividade, esse contexto se torna propício para gerar a **intolerância religiosa**, tema que ainda é pouco debatido nos planejamentos pedagógicos do ensino básico.

Sabe-se que nas práticas de ensino de História, bem como em outros componentes escolares devem ser trabalhados opções de temáticas que reforcem o diálogo inter-religioso, porém é pouco pontuado. Afastar do ambiente escolar "velhos paradigmas" e "ideias preconceituosas" do currículo escolar tem sido um grande desafio para os pesquisadores e comunidades acadêmicas.

Nesse sentido, o ensino de História deve conduzir um currículo educacional que abarque a diversidade, afastando o velho caráter monocultural, para além disso, demonstrar e confirmar que a nossa cultura nacional não se restringe a uma única fonte, mas várias, que nossos costumes e práticas não se desenvolveram de modo isolado, mas sim de forma coletiva e gradual. Não

devemos esquecer, de que o ensinar História é ter a consciência do saber, enquanto formação da cidadania, é desenvolver ambientes de inter-relacionamentos que integre o universal para formar uma democracia possível, que combata as diferentes formas de preconceitos e injustiças, ou seja, a consciência histórica é o caminho necessário para essa prática de ensino (Lira & Melo, 2017).

Sendo assim, ensinar história com as religiosidades, ainda é um desafio por ser pouco debatidas ou mesmo trabalhas nos currículos didáticos, mas não impossível. As escolas e/ou educadores costumam trazer consigo práticas pedagógicas que ainda se revelam de forma distanciadas de formações que tragam temas que tenham como princípio, a liberdade de expressão e o respeito a realidade multicultural. Exemplo disso, é o preconceito com os aspectos das religiões extras cristãs, existe principalmente uma tentativa de silenciamento no que se refere as religiões de matriz africana.

Nesse sentido, é importante que o Historiador/educador possa praticar por meio do ensinar história, **dinâmicas didáticas** que contribuam para com o ensino das religiosidades, mas no seu sentido plural e multicultural. Desse modo, as tentativas de pluralismo religioso podem possibilitar o ensinar e aprender História ressignificando ideias e novas perspectivas (Lira & Melo, 2017). Diante desse contexto, nos questionamos a saber, o que se entende por religiosidades? Será que se difere de Religião?

Como vimos no capítulo primeiro desse recurso paradidático, a palavra **religião,** tem sua origem no latim *re-ligare*, que significa o sentimento de voltar a algo inerente ao homem, ao qual o ser teria perdido que talvez tenha sido sua essência primordial ou sua finalidade última (Gomes (2002). Já o termo *religio* possui uma etimologia ambígua- e inexata, que não deriva da palavra *religare* – o que liga e une o humano ao divino, mas que provém da termologia *relegere*- que significa a atitude do escrúpulo e de atenção, que deve caracterizar as relações do ser com os deuses (Amgabem, 2007).

Entende-se ainda, que a *religio* não é algo que une homens aos deuses, mas é aquilo que é cultivado para que se mantenham distintos. Dessa forma, a Religião não se opõe ao que é incrédulo e a indiferença no que se refere ao divino, mas a "negligencia", é assim, uma atitude livre e "distraída", ou seja, desvinculada da *religio* das normas, diante das coisas e do seu uso, das formas da separação e do seu significado (Amgabem, 2007).

Já a palavra **religiosidades**, apesar de ser muito próximo ao de religião, trata-se da reunião das virtudes do que é religioso, é a tendencia do sentimento da *religió*. A religiosidade

é comumente entendida, como religiões instituídas ou profissões de fé, em que o indivíduo passa a fazer parte de ritos, celebrações e cerimonias, desenvolvidos em práticas coletivas (culturais). Desse modo, uma das características da religiosidade é a atitude de uma consciência transformadora pela experiência do **numinoso**- significa (*Numen ineffabile*), que se relaciona com o conceito de sagrado ou santo, é uma interpretação e avaliação do que existe no domínio especificamente religioso. Em outro sentido, é a vida do observador que aponta sua experiência subjetiva e consciente, importante para a acepção (Jung,1990).

GLOSSÁRIO

NUMINOSO: é uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, é o efeito que se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade (Jung,1990, p.9 *apud* Xavier, 2006, p.185).

Nesse sentido, religião e religiosidades podem ser entendidas como uma atitude do espírito humano, atitude que segundo o termo original da *religio* pode ser considerada por uma percepção mais criteriosa em seus fatores dinâmicos, entendidos como potências que influenciam a consciência e, portanto, a experiência.

GLOSSÁRIO

RELIGIOSIDADE: denota um sentido mais estrito, vinculado à religião institucional; e "espiritualidade" tende a ser diferenciada de religião em função de um sentido mais individual ou subjetivo de experiência do sagrado. A religiosidade pode ser definida como o efeito, de caráter irresistível, que o numen impõe à consciência, ou seja, é a manifestação da consciência sentida como algo espiritual, irresistível, impondo um sentimento de reverência religiosa (Jung, 1990 *apud* Xavier, 2006).

A **religiosidade** é tratada como uma experiência primordial e individual que na forma confessional, a experiência não é direta, mas mediada pelo sistema simbólico de uma determinada religião. Essa experimentação propaga significados coletivos e relativamente fixos para a vivência do numinoso, a mediação conjectura a crença, ou fé, pois se transmite por meio do estabelecimento de doutrinas (Jung, 199).

É possível notar, que a religiosidade fornece uma relação mais subjetiva no que se refere ao sagrado, denota a relação que o ser possui com uma determinada crença (o divino). É uma estrutura mais espiritualista imposto a consciência pelo sentimento religioso. Para além disso, a religiosidade está relacionada com uma instituição religiosa, em que o indivíduo acompanha uma crença ou prática, proposta por uma determinada religião (Fornazari e Ferreira, 2010).

As normas religiosas de comportamento baseiam-se nas incertezas da vida e variam muito de uma sociedade para outra. Entretanto, tornam-se mais evidentes nos momentos de transição, ou seja, desde o nascimento a adolescência, do casamento à morte. Desse modo, se nota que a religião é também um ato de expressar os sentimentos em favor de determinadas divindades que se modificam, de sociedade para sociedade.

Como vimos, religião e religiosidades mesmo apresentando termos semelhantes, ambas possuem singularidades distintas em seus aspectos funcionais no sentido religioso. Esses aspectos é predominante em todas as culturas, pois existe um sentimento que reconhece algo que está além da materialidade dela própria, além da vida como é vivida. Nesse sentido, podemos caracterizar o objeto desse sentimento de absoluto ou transcendental, ou seja, além do humano, reconhecendo desde já que tal sentimento não deixa de ser humano, por ser próprio das culturas (Gomes (2002).

GLOSSÁRIO

RELIGIÂO: Pode-se definir como religião aquilo que subtrai coisas, lugares, animais ou pessoas ao uso comum e as transfere para uma esfera separada. O que foi separado ritualmente pode ser restituído, mediante o rito, à esfera profana. O dispositivo que realiza e regula a separação é o sacrifício: através de uma série de rituais minuciosos, diferenciados segundo a variedade das culturas (Agamben, 2007)

Todavia, ao definir **religião** é necessário saber separar as duas esferas, do sagrado para o profano, da esfera humana para o divino (Agamben, 2007). Assim, o caráter das religiosidades é resultado de processos pertinentes às necessidades das diferentes civilizações, no qual a grande contribuição no estudo das mesmas, está em manifestar as continuidades dos processos religiosos. Evidenciando assim, as relações existentes com as manifestações de fé das sociedades de outros períodos históricos, com o contemporâneo.

O que se pretende ressaltar, é que os discursos sobre as diversidades culturais, trabalhadas a partir do ensino de História Antiga abre espaço para outros domínios, inclusive os da educação básica, explorando até outras fontes cientificas como a Antropologia. Assim, o exercício do ensinar História pode admitir nos currículos escolares, propostas transdisciplinares sobre o **multiculturalismo,** a **pluralidade de identidades** e **culturas** - temas que trazem para o âmbito escolar, uma formação de educadores que prime por um diálogo de respeito as diversidades, e às múltiplas culturas que nos circundam. O Ensino de História representa o reconhecimento e a valorização dessas diversidades culturais, que fazem parte da nossa sociedade. Interessa-nos destacar é a compatibilidade entre essas teorias multiculturalistas ao Ensino de História Antiga.

As teorias sociais sobre o multiculturalismo se inserem no campo de estudos de História, assim como os costumes, crenças e práticas religiosas, são experiências do reconhecimento e valorização das diversidades, emergidas do interior das sociedades antigas multiculturalistas. Os processos de colonização, globalização e proliferação de diferentes movimentos sociais, resultaram por exemplo, nas identidades nacionais, étnico-raciais, de classe social, e junto a isso, difusão das pluralidades cultuais que permanecem atualmente em nosso cotidiano (Silva, 2021).

GLOSSÁRIO

MULTICULTURALISMO: ou pluralismo cultural é um termo que descreve a existência de muitas culturas numa localidade, cidade ou pais, sem que uma delas predomine, porém, separadas geograficamente (Oliveira & Sousa, S.d.)

O **multiculturalismo** ou pluralismo cultural representa uma apologia à convivência, porque dinamiza os modos de reflexão sobre como as diferenças são construídas e inseridas no meio social. Nesse sentido, perspectivas como essas são referências na prática do ensinar História, pois problematizam e estimulam projetos sociais de exclusão, do passado e do presente. Então, ao mesmo tempo que destaca o ensino de História Antiga, também coloca ao cotidiano das escolas bases sob esse referencial, evidenciando consequências, advindas dos discursos de dominação e exclusão social (Silva, 2021).

Todavia, o que seria o mérito dos eventuais limites do ensino de História Antiga adquiridos a partir desses referencias? Estas perspectivas nos projetos educacionais correspondem os mesmos desejos, nas quais espera-se evidenciar um reflexo histórico, como por exemplo, a História do Império Romano, ou a História do sistema religioso dos antigos povos romanos, poderia ser ensinada a partir de referenciais e experiências como essas, de forma dinâmica e respeitosa, entre as civilizações antigas e culturas heterogenias.

Por essas percepções, torna-se necessário enfatizar que o processo de ensinar e aprender história como disciplina deve ser algo que traga interesse para o estudante, elencando memórias entre passado e presente, mostrando que ensinar História é resgatar memórias e semelhanças que se aproximem da vivencia, das diversidades, das identidades que estão presentes na realidade dos grupos sociais, bem como é o ensino das **práticas religiosas**, representações culturais que estão presente nos grupos coletivos ao longo do tempo. Sendo assim, o estudo das civilizações antigas merece ter o seu espaço de abordagens nos diálogos do cotidiano escolar de ensino básico, esse que é um ambiente que necessita diversificar suas temáticas transversais, logo:

> Ensinar História de forma interessante é buscar caminhos que contemplem a diversidade, o que não significa "baratear" o ensino de História. Os saberes, fazeres e dizeres que, por longo tempo, foram silenciados, desqualificados devem ocupar seu espaço. Esta é mais uma difícil e importante tarefa de um professor de História (Silva, 2014, p.186).

Apesar de pouca abrangência de discursos concebidos, no que se refere ao ensino de História Antiga e em particular as pluralidades religiosas, isso não limita que as comunidades escolares também possam criar suas perspectivas de diálogo, a partir de referenciais que se mostrem **tolerantes** ao respeito entre as distintas culturas como é a religião e suas pluralidades. Presume-se, que a cultura material das práticas religiosas quotidianas não está submissa às ideias preconcebidas, podem se tornar presente a esse novo paradigma- **o respeito ao diálogo**, inclusive no que se refere as culturas das gerações antigas.

III.I As permanências das pluralidades religiosas no contemporâneo

Figura 7: Foto-Divulgação -símbolos religiosos. Fonte: https://depositphotos.com/br/photos/religiosa Acesso: 29/03/24

Costumes e crenças, ritos e rituais que são praticados hoje em dia, são reflexos de nossos antepassados, que sobrevivem em nosso cotidiano através das memórias e perpassam por gerações ao longo do tempo, exemplo disso - a prática de fazer oferendas, fazer uma oração, participar dos rituais de consagração e de passagens, como o ritual de formatura e de casamento, rezar, ou orar pedindo melhoras na saúde, consultar um curandeiro ou rezador para retirar impurezas do corpo e do espírito. Todas essas práticas ritualísticas são manifestações existentes desde as civilizações antigas nos quais, o indivíduo que crê em algo divino, busca o sobrenatural para conseguir mudar as forças da natureza e conseguir realizar seus anseios.

Considerando que a História das grandes civilizações greco-romanas, é uma temática e um conhecimento de relevância a formação crítica e reflexiva dos indivíduos, nos faz pensar como é instigante, resgatar esses estudos do mundo antigo para fazer parte do ensino de História, não só por possibilitar uma visão acerca de um passado, mas por está intimamente relacionado com aspectos de longa duração como a formação de famílias e instituições, identidades e representações culturais que sempre estiveram e fazem parte da sociedade.

As crenças e/ou religião dos povos antigos, são permanências e heranças culturais. Assim, foi por meio das civilidades antigas que se originaram todas as instituições, como todo o direito privado e crenças praticadas. Da religião, a cidade tirou seus princípios, regras, costumes e magistraturas. Desse modo, são as épocas mais antigas, as quais devemos conhecer melhor, porque as instituições e crenças que encontramos na época áurea das civilizações clássicas, nada mais são que a evolução de crenças e instituições anteriores. "É necessário que busquemos as raízes em um passado bem longínquo. Felizmente, o passado nunca morre por completo para o homem" (Coulangens, 1961, p.10).

É importante reconhecer, a relação que as sociedades construíram desde a antiguidade até aos dias de hoje, como a verossimilhança com o sagrado nas práticas das religiosidades. É possível notar no tempo presente, o espaço que as religiões e seus aspectos plurais ocupam, pois se acomodam no cotidiano social dos indivíduos, em templos, instituições e escolas. Ao retornar as memórias do passado, estudos como esse contribuem para construção da cidadania.

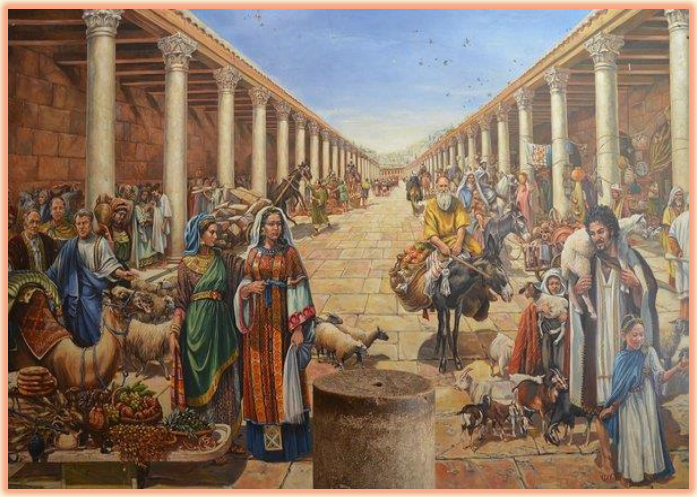


Figura 8- Imagem representativa da sociedade romana antiga.
Fonte:<https://pt.quora.com.> Acesso:01/04/24

Há motivos para se trabalhar a temática das civilizações antigas na escola, pois merecem ser explicitadas, entre elas, destacamos as **práticas religiosas,** refletindo sobre as multiplicas religiões de hoje, compostas de crenças e rituais sagrados, como as **'práticas de magia amorosa'**, essas que ainda permanecem nas religiões contemporâneas, como parte dos costumes cultuurais, fundamentais à construção de identidades de um povo.

Os "fatos históricos" seriam invisíveis se não fossem articulados no presente, pois a história argumenta sempre. Dessa forma, jamais são esquecidos, pois sempre retornam ao convívio social mesmo que no inconsciente (Sarlo, 2007). Do mesmo modo, são os **rituais de magia**, práticas que emergem dentro da cultura de um povo, as crenças populares, os ritos que impregnam a vida cotidiana ou se prendem à vida religiosa, as culturas minoritárias ou o folclore - conjunto das crenças coletivas (Bruguieré, 1990).

Tudo o que se manifesta no convívio das memórias coletivas, desde a antiguidade até os dias atuais, são testemunhos que sobrevivem em sentimentos pertencente ao indivíduo no coletivo. Assim, as simbologias dos gestos, expressões e lembranças, permanecem e vão fazendo parte de nossa sociedade, como os cultos e rituais mágicos- práticas religiosas que tem um significado importante na memória cultural de cada civilidade.

Figure 5- Imagem representativa, símbolos religiosos. Disponível em: https:<//depositphotos.com/br/vector/> Acesso: 16/04/24

Exemplo disso, o simples ato de olhar para o céu e fazer um pedido a sua divindade é uma prática ritualística, "rezar um terço", "participar de um culto ou ir missa", com todos os seus objetos ou elementos sagrados, a exemplo- a bíblia, os ramos, o terço, as imagens, a água benta, as velas, músicas que emocionam o fiel, incenso, a cruz, as ervas para fazer banho, os colares e entre outros, são simbologias que possui cada uma, a sua utilidade significância representativa dentro cada religião.

Sabe-se que o Brasil é um estado laico, onde todas as matrizes religiosas podem se manifestar livremente, por isso é necessário conhecer e saber reconhecer o quanto é importante difundir a ideia do respeito ao **diálogo inter-religioso** entre os seres. No mundo existem diversas manifestações religiosas que se diferem uma das outras, ou por suas crenças ou por suas doutrinas, sendo ela cristão, espírita, extra cristã, mulçumana ou de matriz africana, independente de qual seja sua matriz, todas formam um conjunto de elementos, simbologias e fé que as caracterizam. Assim, reunidas dão forma ao que chamamos de pluralismo religioso**.**

Nesse sentido, essas referências correspondem aos aspectos plurais das religiosidades- são as **pluralidades religiosas** da cultura de um determinado povo. Diante desse exposto, surge a inquietação em saber: o que é o pluralismo religioso?

A Pluralidade religiosa

Como vimemos em um Estado **laico**, significa que todos tem a liberdade de praticar a religião/credo que preferir, a laicidade é a referência de um Estado que trata todos os cidadãos por igual, independentemente da escolha religiosa. O Brasil é oficialmente um país que não interfere politicamente nas práticas de

natureza religiosas, ou seja, todos os brasileiros são livres para realizar seus cultos e crenças, não importando qual seja suas origens.

Pluralidade religiosa, é um novo fenômeno que caracteriza a liberdade de um ser poder participar da crença ou doutrina religiosa que escolher, sem que o outro possa interferir. A **pluralidade** é o direito de manifestação de pensamento do ser humano, no qual a aceitação de múltiplas culturas e forma de pensar de pessoas ou grupo social, é livre para se expressar e manifestar suas crenças sem esconder sua identidade religiosa, nesse caso, não há mais somente um monopólio de crenças ou grupo religioso, mas vários, mesmo que distintos. Isso é **pluralidade religiosa**, que visa uma sociedade democrática, buscando valorizar a liberdade do coletivo e suas culturalidades (Gomes & Sousa, S.d.)

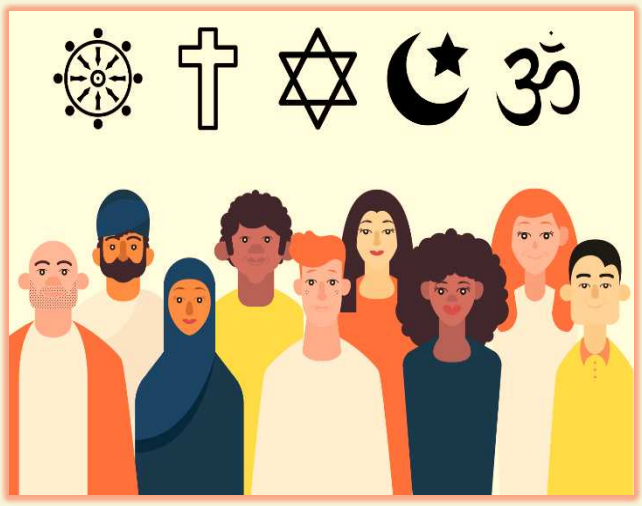


Figura 9-Representação simbólica de Pluralidade religiosa.
Fonte: <https://masdiversity.com/> Acesso: 29/03/24

Esse novo paradigma da sociedade contemporânea abre espaços para que as diversidades possam conviver com o diferente de forma respeitosa. A pluralidade não elimina por completo comportamentos de intolerância religiosa, mas auxilia a combater e/ou afastar velhos "chavões" - críticas e ideias preconceituosas que violentam alguns grupos religiosos. Assim, qualquer grupo ou comunidade religiosa podem celebrar seus cultos, realizar suas oferendas e praticar seus rituais de forma humanizada.

Chegou o momento em que todos os cidadãos tenham a consciência de respeitar as diversidades sem difundir preconceito e ódio religioso. Quando o indivíduo não procura aceitar a manifestação de fé do outro, oferece espaço para **intolerância religiosa,** isso significa que conflitos e atos de discriminação são gerados dificultando o meio de convivência nos espaços sociais. O Brasil vive um momento de secularização, um apogeu da liberdade religiosa, ou seja, esse processo de pluralização das religiões contribui para um cenário em que o ser humano pode buscar sua doutrina, sua religiosidade conforme sua escolha e necessidade (Gomes & Sousa, S.d.). De acordo com as circunstâncias e as necessidades sociais novos ritos vão sendo praticados ou resinificados (Villena, 2005). Isso é pluralidade religiosa.

O Pluralismo religioso não só ressignificou ideias, pensamentos e atitudes, como também pode despertar no ser humano a livre maneira de se expressar, fazendo reconhecer as

diversas identidades religiosas que fazem parte das tradições culturais de um povo. Através da pluralidade há uma quebra de posições acríticas e ao mesmo tempo, pode-se desenvolver novos paradigmas, que aproximam o indivíduo a vincular o respeito ao diálogo inter-religioso no meio social, familiar e escolar.

Em consonância com as pluralidades religiosas que constrói espaços para as a inclusão às diversidades, o diálogo inter-religioso surge também como um novo paradigma para **alteridade**, situação que proporciona ambientes propícios à tolerância e ao respeito múltiplo em cidadania (Gomes & Sousa, S.d.).

Como foi visto nos capítulos anteriores, na religião romana os deuses participavam com os homens na vida comunitária e visavam, em certo sentido, o bem comum, e o da cidade-onde tornavam-se o local de encontro dos deuses. E a família sob a direção do *pater famílias*, continuava mantendo no centro do lar- os deuses lares, o fogo sagrado ou a lareira, onde se realizavam os sacrifícios todos os dias e a todas as refeições, o seu fogo divino.

Figura 10 Rito em volta da chama acessa das virgens Vestais, por - Valter Pitta
Fonte:</http://imperioroma.blogspot.com.br/2010/05/chama-das-virgens.html >. Acesso: 18/04/2023

Por meio desse contexto sobre a religião dos antigos romanos, entende-se que ela teve desde o princípio do mundo, o seu papel na sociedade, sua importância para o homem que buscava nos seres divinos sua sobrevivência, a sua proteção, a *pax deorum*- paz com os deuses. A religião é então, o meio de concretizar e de preservar essas relações (Giardina, 1989).

Certamente, os costumes se conservaram até os dias atuais, é notável percebe-los no contexto de práticas religiosas no contemporâneo, crenças das quais conhecemos ou vivenciamos. De alguma forma, de algum modo, as religiosidades estão presentes em nosso cotidiano, em casa, com a família, nas orações, nos templos sagrados, nos terreiros, nos cemitérios, no costume de acender velas, nos elementos e objetos simbólicos e/ou sagrados, como a Bíblia, o rito de rezar um terço, oferecer oferendadas a uma divindade, nas práticas dos rituais- de passagens ou os de magia. Enfim, todos esses costumes e crenças, são

Figura 11- Foto: divulgação- Imagem representativa- oração e símbolos- religiosos.
Fonte: <https://pt.aleteia.org/>Acesso: 01/04/24

permanências de um processo histórico, das quais não se apagam e nem se esquecem, pois fazem parte de nossa memória, e identidade cultural/social, assim como a dos antigos povos romanos:

> Penso que os romanos adotaram as práticas com vistas à gente do povo. Talvez elas não tivessem sido necessárias se houvesse a possibilidade de formar uma cidade composta inteiramente de homens sábios, mas como toda multidão é inconsciente cheia de desejos contrários à lei, de paixões desenfreadas e de impulsos violentos, ela deve ser contida por temores invisíveis e por criações semelhantes da imaginação. Por essas razões não penso que os antigos tenham agido irrefletidamente e por acaso, ao introduzir entre a gente do povo noções relativas aos deuses e às crenças nos horrores dos infernos e sim que os modernos são muito mais irrefletidos e insensatos banindo tais crenças (Polibios, VI -56).

Por fim, não é difícil perceber caro (leitor), que todas essas crenças tiveram suas origens, desde os mais remotos tempos elas representam as diversidades culturais de um povo, para além disso, fortalecem todos os campos que circundam o homem e suas ações. A natureza da religião romana, impulsionaram práticas e ritos na cultura coletiva ocidental, por esta razão, os costumes foram mantidos até os dias de hoje ainda que tenha sofrido mudanças, permanecem como testemunhos no cotidiano das sociedades ao longo das gerações.

VOCÊ SABIA?

Sancionada e publicada no diário oficial a Lei federal **nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003/** Lei Estadual **nº 21.956/ Lei nº 4680/21,** institui a política de combate a Intolerância Religiosa no ambiente escolar.

Há um decreto de lei no Brasil que considera crime, a **Intolerância Religiosa**- o termo descreve a pessoa que comete ideologias, e atitudes que ofendem **as crenças, os rituais, cultos e práticas religiosas** que não possui predominância no país.

Vivemos em um Estado "laico"!

Significa, que independente da predominância de qualquer Religião, o Brasil é um país constitucionalmente **laico.** Desse modo, o Estado deve se manter em posição de **'neutralidade'** com as pluralidades religiosas, ou seja, demonstrar 'imparcialidade' perante os assuntos religiosos, preservando o direito de liberdade de credos e garantir o **respeito inter-religioso** do cidadão.

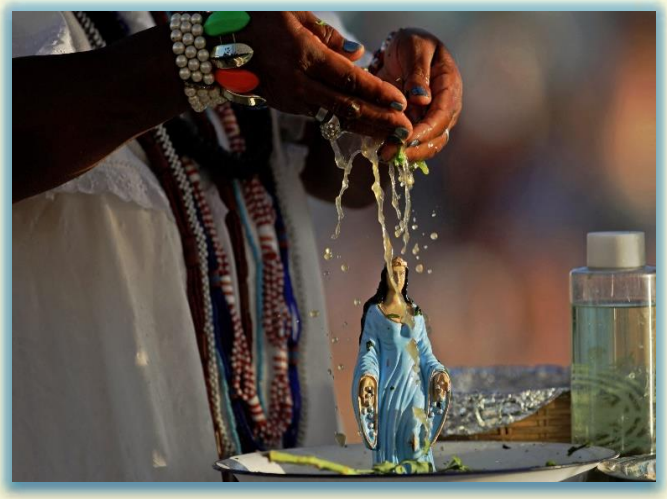


Figura 12-Celebração do dia de Iemanjá na praia do Rio Vermelho em Salvador, Bahia-(2019). (Foto de Lucio Tavora / AFP). Disponível: <https://www.conectas.org/noticias/dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa>. Acesso: 03/04/24.

VOCÊ SABIA?

No Brasil, no dia 21 de janeiro comemora-se o dia de combate a **Intolerância Religiosa**. A data lembra a necessidade de respeitar a liberdade religiosa, princípio fundamental garantido pelo **artigo 5º** da Constituição Federal brasileira.

Lei federal nº 10.639

Foi sancionada para ser trabalhada nas **escolas** públicas e privadas, essas instituições deverão desenvolver, **atividades curriculares** previstas na lei, promovendo ações extracurriculares ou complementares, como **temas** de caráter **transversais** tais como: a luta contra o **racismo** no Brasil, a ancestralidade Africana, **a liberdade religiosa,** a **Intolerância Religiosa, a laicidade** do Estado.

A **declaração** dos **Direitos Humanos** diz, que todas as pessoas têm a liberdade de cultos e de expressão. Significa que nenhum cidadão e/ou Credo pode ser impedido de ser cultuado e/ou discriminado.

Pluralismo religioso, representa a liberdade religiosa dos homens e a valorização de todas as manifestações religiosas.

Professor (a), chegou o momento do apoio didático interativo com a turma. Através desse conteúdo você poderá estimular o interesse pelas temáticas e conceitos abordados no capítulo, sempre relacionando os diferentes temas ao conteúdo de sua disciplina ou rotina escolar. Lembrando, que aqui temos duas opções de atividades, mas você também pode desenvolver ações, conforme seu critério pedagógico, utilizando o material paradidático como subsídio.

I. Explique, o que são pluralidades religiosas?
II. O que são religiosidades e o que elas representam na sociedade?
III. Explique o que é laicidade?
IV. Identifique quais crenças ou grupos religiosos existem em sua cidade ou comunidade em que vive. Comente quais são as suas práticas?
V. Qual a sua escolha religiosa? Você participa de algum culto? Por quê?
VI. Você já foi ou é discriminado por sua preferência religiosa? Comente!
VII. A sua escola e/ou colegas respeitam a sua religião? Comente!
VIII. Qual ritual religioso você costuma praticar em casa? Qual o objetivo ou sentido desse rito?
IX. Qual a importância do ensino de História Antiga na formação de seu conhecimento? Identifique seu legado e herança.
X. Quais costumes e práticas dos antigos povos romanos permanecem na cultura contemporânea?

Sugestões de atividades:

I. Professor (a), crie um momento de pesquisa em sala de aula utilizando o paradidático, por meio de cópias de páginas que aborde temas de seu interesse. Estimule o alunado a realizar leituras em sala, acompanhe esse processo. Introduza uma produção de texto (dissertativo) utilizando as temáticas transdisciplinares abordadas no recurso. Utilize também, as informações expostas no "Você Sabia" como subsídios- a exemplo, as leis citadas.

Sugestões de temas:

- As diversidades religiosas
- Intolerância religiosa

II. Organize o ambiente da sala como preferir, abra um debate com um dos temas propostos no paradidático. Poder ser iniciado a partir de um questionamento sobre as temáticas. O objetivo é que seja um momento de interação e formação de opinião entre os alunos.

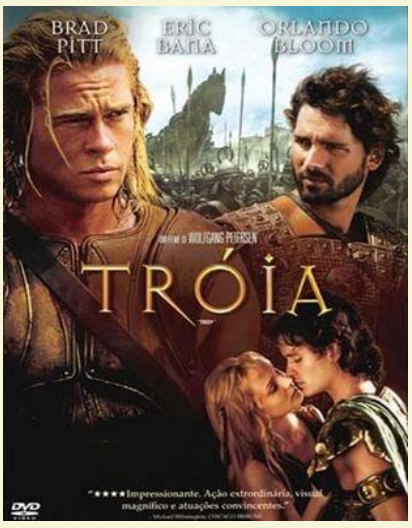
Sugestões de temas:

- Pluralidades religiosas
- Diálogo inter-religioso
- Intolerância/ tolerância religiosa

Questões sugeridas:

- Qual a importância das religiosidades na vida do ser humano?
- Quais os costumes e práticas das civilizações Antigas permanecem nas religiosidades do nosso cotidiano atual?

Sugestão de filmes:



I. TRÓIA

O longa retrata "**o calcanhar de Aquiles em Tróia**", é uma adaptação da obra- "Ilíada" de Homero que narra a Guerra de Tróia. A trama se passa na época de 1193 A.C na Grécia antiga, durante um banquete organizado por Menelau, rei de Esparta, Páris, príncipe de Tróia, seduz Helena, a rainha de Esparta (Diane Kruger). Essa paixão irá desencadear uma guerra e devastar toda uma civilização. Agamenon reúne

então, todo o povo grego para trazer Helena de volta. A cidade de Tróia é cercada de muralhas, comandada pelo rei Príamo (Peter O'toole) e defendida pelo poderoso príncipe Heitor (Eric Bana), é uma fortaleza que nenhum exército jamais conseguiu invadir. A chave da derrota ou da vitória sobre Tróia reside em **Aquiles** (Brad Pitt), tido como o maior guerreiro vivo. **Semi-deus** arrogante, rebelde e aparentemente invencível, Aquiles não tem lealdade a nada nem a ninguém, a não ser à sua própria glória. É sua sede insaciável pelo eterno reconhecimento que o leva a atacar os portões de Tróia sob a bandeira de Agamenon. Dois mundos entrarão em guerra por honra e poder. E, por amor, uma nação será reduzida a cinzas. A esperança do Priam (Peter O'Toole), rei de Tróia, em vencer a guerra está nas mãos de **Aquiles** (Brad Pitt), o maior herói da Grécia, e seu filho Hector (Eric Bana).

O longa foi lançamento em 14 de maio de 2004 (Brasil). Do diretor: Wolfgang Petersen, com o elenco: Brad Pitt , Orlando Bloom , Brian Cox , Eric Bana.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de: Profanazioni. São Paulo: Boitempo, 2007**.**

ASCENSO, Carlos André. **A ironia ovidiana na subversão do protocolo amoroso em Roma.** Revista Crítica de Ciências-2010 p. 41-54. Online em: <http://rccs.revues.org/>

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC,2013.

_____. Declaração Mundial sobre Educação para Todos (Conferência de Jomtien-(UNICEF-1990.

BURGUIÉRE. André, **A Antropologia Histórica**. Martins Fonte. São Paulo, 1989.

CANDIDO, Maria Regina, **Medéia: ritos e magia.** Phoînix. Rio de Janeiro, V. 2, p. 229-235, 1996.

CANDIDO, Maria Regina, **Mitologia, Filosofia, Religião, Arte e Costumes**. Londres-1871.
_____. Magia do Katádesmos: téchne do saber-fazer. Hpelade– Revista de história Antiga. Online em:<http://search.4shared.com>Acesso em: 20/08/2014.
_____. **Medéia, Mito e Magia: a imagem através do tempo. Rio** de Janeiro: NEA/UERJ-Fábrica do Livro/SENAI, 2006/2007 Online em: <http://www.nea.uerj.br/publica/e-books/medeia> Acesso: 22/07/2014.
_____. **Medéia: ritos e magia**. Phoînix. Rio de Janeiro, V. 2, p. 229-235, 1996.

CHRISTOL Michel & NONY, Daniel. **Roma e o Seu Império: Das Origens às Invasões Bárbaras.** Publicação: Lisboa: Dom Quixote, 1993.

COSTA, Elisabete da Silva. **A Magia nos Amores de Ovídio: Propaganda Política ou Paródia Divertida?** Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. Online em:<http://www.letras.ufrj.br/pgclassicas/Elisabetecosta.pdf> Acesso: 08/07/2014.

COULANGES, Fustel. **A Cidade antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

Description of Greece) -6 vo., 1898.

FRRAZER, James George.**Pausânias, Descrição da Grécia.** Livro III. (Pausanias's

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. (Repensando a História)- 2 cd - São Paulo : Contexto. 2002.

GIARDINA, Andréia. **O Homem Romano**. Lisboa: ed. Presença, 1989

GOMES, Francisco Fernandes e Souza Wilson Rufino de. **Modernidade e pluralismo religioso**. Vitória, ES- S.d. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/modernidade-e-pluralismo-religioso>. Acesso: 20/04/24.

GOMES, Mércio. **Antropologia. Religião, Rituais e Mitos**. Ed, Vozes - Petrópolis, 2002.

GRIMAL, Pierre. **A Civilização Romana.** Lisboa, 1984.

MAISONNUEVE, **Jean. Os rituais.** Ed. CG. Portugal, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A Arte de magia e o poder da fé**. In: Magia, ciência e religião. Lisboa: Edições 70, 1984.

MARCONI, Marina Andrade e PRESSOTO, Zélia Maria**. Antropologia: uma introdução.** 4ª edição, Altas S.A, São Paulo-1998.

MAUSS, Marcel. **Esboso de Una teoria General de La Magia, Sociología y antropología**. Madrid: Tecnos Madri, 1979.

OVÍDIO. **Remédios para o amor**. Tradução, introdução e notas de Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

_____. **Os Amores. Obras** 2ª ed. Tradução de Antônio Feliciano de Castilho. São Paulo: Edições Cultura, 1945.

_____. A arte de amar. Tradução de Natália Correia e David Mourão Ferreira. Edição Bilíngüe. 1992.

_____. **Os Fastos**. Tradução de Antonio Feliciano de Castilho. São Paulo: Jackson Editores, 1952.

PESSANHA, P. P. & Andrade, E. R (2009). Religiosidade e prática clínica: um olhar fenomenológico existencial. Perspectivas Online, 3(10), 75-86.

POLÍBIOS. **História. Trad**. Juan Díaz Casamada. Barcelona: Editorial Iberia, S.A, 1968

PUCHIVAILO, Mariana Cardoso. **Religião, Religiosidade e Espiritualidade e sua relação com a saúde mental.** Contexto de adoecimento: uma revisão integrativa. 2020.

RIBEIRO, João J. **O que é magia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**. Cultura da memória e guinada subjetiva. Una discusión. São Paulo: CIA das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007

SILVA, Serìnames. **Universo Mágico em Roma: Representações e Práticas de Feitiçaria.** Ensaios de História, França: 2004. Acesso: 23/08/2014.

JUNG, C. G. (1990). **Mysterium coniunctionis**. In Obras completas de C. G. Jung, (Vol. 14i). Petrópolis: Vozes. Originalmente publicado em alemão em 1955.

JUNG, C. G. (1990). **Psicologia e religião**. In Obras completas de C. G. Jung, (Vol. 11i). Petrópolis: Vozes. Originalmente publicado em inglês em 1938.

SCHEID, John. **O Sacerdote. Lisboa**: Ed. Presença, 1989.

SILVA, Filipe N. **A antiguidade, o ensino de história e o currículo multiculturalista**. Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.6, n.1 – 2021-Campinas, Brasil- julho de 2021. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/>. Acesso: 02/03/24.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia.** Crenças Populares na Inglaterra do Século

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo & kadlubitski Lidia**. Diversidade religiosa na educação.** Religious diversity in education. Interações - Cultura e Comunidade / Uberlândia / v. 7 n. 11 / p. 179-197 /jun. 2011-179. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoe/> Acesso: 05/03/24.

LIRA, Rozalves de, & MELO, Maria do Carmo de**. Ensinar história com a religiosidade Afrodescendentes e a lei n. 10.639/03.** Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 11, n. 21, p. 677-695, jul./dez. 2017. Disponível em: https://www.esforce.org.br/>. Acesso: 02/03/24.

LOPES, A. Silmara **Adaptação Curricular: O Que É? Por Quê? Para Quem? E Como Fazê-La?** EBR – Educação Básica Revista, vol.3, n.1, 2017**.**

SCHEID, John. **O Sacerdote. Lisboa**: Ed. Presença, 1989.

TYLOR, Edward Burnett. Cultura Primitiva**: Pesquisas sobre o Desenvolvimento da** XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VILHENA, Maria Angela. **Ritos e expressões.** Temas do ensino religioso. São Paulo, 2005. Editora Paulinas.